

UNIVERSIDADE DE S. PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

B O L E T I M L X V I

ETNOGRAFIA
e
LINGUA TUPI-GUARANI
N.º 12

Carlos Drumond — Da partícula háb.a do tupi-guarani



S. PAULO — BRASIL
1 9 4 6

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Jorge Americano

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Prof. Dr. André Dreyfus

Professor de Etnografia e Língua tupi-guarani:

Prof. Dr. Plínio Ayrosa

Assistentes:

Lic. Carlos Drumond

Bel. Jörn Jacob Philipson

Toda correspondência relativa ao
presente Boletim e as publicações
em permuta deverão ser dirigidas à

All correspondence relating to the
present Bulletin as well as exchange
publications should be addressed to

CADEIRA DE ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI,
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
Caixa Postal 105-B — SÃO PAULO — BRASIL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXVI

ETNOGRAFIA
e
LINGUA TUPI-GUARANI

Nº. 12



S. PAULO — BRASIL
1946

Da partícula háb.α do tupi-guarani

CARLOS DRUMOND

Da partícula háb.a do tupi-guarani

Tese de doutoramento

(Cadeira de Etnografia e Língua tupi-guarani (XXIX)
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo).

São Paulo — 1946.

“El estudio de la raza guaraní, en todas sus diferentes manifestaciones, es de la más alta importancia para la historia de América”.

Moisés Bertoni

APRESENTAÇÃO

Ao compormos o trabalho que ora apresentamos à douta Comissão Examinadora, referente à partícula *háb.a* do tupi-guarani, apenas nos moveu o desejo de fornecer pequena contribuição para os estudos etno-lingüísticos de nossa terra.

Dizemos ser contribuição etno-lingüística (embora não nos tenhamos preocupado com fatos pròpriamente etnológicos), porque, através das questões puramente lingüísticas aqui tratadas, poderão os que se interessam por tais assuntos, colher subsídios para a resolução de alguns problemas da etnologia brasileira.

Aos que se dedicam aos estudos históricos e geográficos brasileiros, também poderá interessar de certo modo êste trabalho, em vista da ocorrência de *háb.a* na toponímia brasileira e de outros países sul-americanos. É fato por demais sabido que os topônimos e antropônimos, constituem uma parte tão importante em uma língua como os dos outros nomes dessa mesma língua. Eles evoluem a par dêstes, e, em muitos casos podem preencher-se lacunas ou resolver-se dúvidas numa demonstração por meio de um topônimo.

Do método que presidiu ao nosso modesto trabalho é necessário que digamos alguma cousa.

Iniciamos o estudo pela análise do *h* (símbolo gráfico do fonema aspirado) de *háb.a*. Assim o fizemos, porque, através do exame dêste símbolo, nos foi possível provar que, embora diversos vocábulos de pronúncia aspirativa no guarani das regiões paraguaias não o fossem no tupi da costa do Brasil (tendo havido uma mudança fonética $s > h$ ou $h > s$), não se pode negar,

como o fizeram alguns autores, a existência do fonema aspirado nesta última região.

Terminamos a primeira parte, examinando as funções do *h*, as quais, segundo deixamos patente, são duas: índice de relação determinativa de posse de terceiras pessoas e índice de transi-
vidade.

Passamos em seguida à análise do *b* de *háb.a*.

Após o exame do problema fonético que se liga a esta consoante (troca *b — v — u*), tratamos da questão do *a* paragógico. O estudo destes fonemas nos ofereceu a possibilidade de demonstrarmos as principais diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani.

Finalmente entramos a examinar os diversos significados da partícula *háb.a* (lugar, tempo, modo, instrumento, etc.), para concluir com um estudo das variantes, que a mesma apresenta, e da sua ocorrência na toponímia.

Aqui fica o ligeiro esboço deste trabalho. Se a execução correspondeu à aplicação e esforço, que lhe demos, não o sabemos. Estamos certos que deslises e senões deve de havê-los numerosos. A crítica e as advertências do ilustrado júri de doutoramento nos auxiliarão a escolmá-los de futuro.

O H DE HABA

Muito se tem escrito sôbre o fonema aspirado do tupi-guarani, motivo pelo qual não nos caberá primazia neste particular. Entretanto, se numerosas são as referências ao problema por parte dos tupi-guaraniólogos, são poucos os que o abordam sob o aspecto fonético. Neste sentido convém que sejam destacadas as preciosas contribuições de Mansur Guérios (1) e Dall'Igna Rodrigues (2), que têm feito da fonética o ponto de partida para suas investigações. Sob êste mesmo prisma é que estudaremos o assunto, procurando, apoiados em autores de grande responsabilidade — cujos escritos constituem os documentos mais idôneos que se possuem sôbre a língua — exarar nossa opinião pessoal, esperando contribuir com uma pequena parcela para a resolução de tão importante problema tupi-guaranítico, embora certos de não haveremos esgotado o assunto. Cremos mesmo que resultados satisfatórios e proveitosos só seriam obtidos, caso fosse possível a análise do problema em laboratório de fonética experimental. Admitindo-se tal possibilidade, o problema ainda assim não teria solução definitiva, sendo válido apenas para o tupi-guarani falado atualmente.

Qual teria sido a pronúncia real do tupi-guarani do litoral brasileiro e das regiões paraguaias nos dois primeiros séculos da

-
- (1) — Mansur Guérios (Rosário Farâni) — *Novos rumos da tupinologia* — Separata do tomo 1.º, n.º 2, da Revista do Circulo de Estudos "Ban-deirantes" — Curitiba, 1935.
- (2) — Rodrigues (Arion Dall'Igna) — *Fonética histórica Tupi-Guarani: Diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani* — In *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. IV, Dezembro, 1944, Abril, 1945, Curitiba, 1945. O artigo ocorre às pp. 333/354.

colonização? Eis a interrogação que não tem tido resposta terminante e categórica, e que não permite sejam tiradas conclusões incontrovertíveis.

Se é possível estudar com segurança certos fatos fonéticos no tupi-guarani falado presentemente, não podemos dizer o mesmo em relação à fase arcaica da língua. Isto porque (mesmo que se proceda, como o fizemos, a um estudo prévio da grafia da época e de cada escritor ou cronista em particular), nem a ortografia dos textos e nem o testemunho dos gramáticos antigos podem fornecer dados absolutamente seguros. No tupi-guarani, a ortografia, de que a maioria dos autores tem lançado mão, não pode e não deve merecer confiança incondicional, porque ela não é rigorosamente fonética. O mesmo se pode dizer do testemunho dos gramáticos antigos, porque não foram foneticistas com capacidade de descrição rigorosamente científica, nem foram capazes, devido a hábitos fonéticos próprios, de reproduzir fielmente por meio de sinais ortográficos, a pronúncia de sons estranhos à língua que falavam. Do exposto poder-se-á concluir pela impossibilidade de conhecer-se com precisão as modalidades fonéticas da fase arcaica do tupi-guarani. Os únicos resultados a que podemos chegar serão simplesmente hipotéticos, embora as hipóteses possam se aproximar em muito da realidade (3).

Nas obras que refletem a fala das tribos tupi-guaranis das regiões paraguaias, nos séculos XVI e XVII, o fonema aspirado foi representado pelo símbolo gráfico *h*. Afirmamos que o *h* foi empregado para tal fim, baseados no fato de que, atualmente, no guarani moderno, são aspirados os sons que os gramáticos clássicos — daquelas regiões (4) — representaram por aquele sinal.

(3) — A este respeito cf. Rodrigo de Sá Nogueira — *Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português* — Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1941. Pp. 16/17.

(4) — Quando falamos em língua das regiões paraguaias abrangemos não somente o tupi-guarani falado no Paraguai, mas também a língua da região norte da Argentina (Corrientes) e a fala dos grupos tupi-guaranis da Bolívia.

Em Montoya (5), para abonar esta proposição, colhemos, ao acaso, os vocábulos seguintes: *hendúb* (ouvir), *hetá* (muitos), *hó* (ir), *rehé* (por), *mohapír* (três), *haihúb* (amor). As mesmas palavras no tupi-guarani da costa do Brasil, coligidas das obras de Anchieta (6), Figueira (7), V. L. Brasilica (8), Brasileiro (9), como se demonstrará em seguida, tiveram grafia diferente.

Montoya (1639)	hendú	hetá	hó	rehé	mohapír	haihúb
Anchieta (1595)	cendúb	cetá	çô	recê	moçapír	çauçúb
Figueira (1687)	cendúb	cetá	çó	recé	moçapyt	çauçub
V. L. Bras. (1621)	cendúb	cetá	ço	rece	moçapir	çauçub
Brasileiro (1795)	cêndú	cetá	çó	recê	mocapyr	çauçub

Alvitram alguns autores que esta diversidade de formas resulta de fenômeno fonético, admitindo uma "evolução" — *s* > *h* —

-
- (5) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Tesoro de la lengua guarani* — Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann — Leipzig, 1876.
- (6) — Anchieta (José de) — *Arte de gramática da lingua mais usada na costa do Brasil* — Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1933.
- (7) — Figueira (Luiz) — *Arte de gramática da lingua brasilica* — Nova edição — Dada à luz e anotada por Emilio Allain — Rio de Janeiro, 1880.
- (8) — Anônimo — *Vocabulário na língua brasilica* — Manuscrito português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa — Volume XX da Coleção Departamento de Cultura — São Paulo, 1938.
- (9) — Anônimo — *Dicionário português-brasiliano e brasileiro-português* — Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2.^a parte, até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa.

(10). Por outro lado, há autores que não vêm neste fato mudança fonética, mas unicamente idiosincrasia funcional dos aparelhos auditivo e fonador dos que estiveram em contato com os nossos ameríndios. Batista Caetano deve ser incluído entre os que assim pensam, pois escreve: "A gutural contínua forte foi designada pelos espanhóis pelo *h* e pelos portugueses muito impropriamente por *ç*. É evidente que devia ser preferido o *h*" (11). Este autor confirma sua asserção no "Vocabulário" (12) quando anota: "Os que escreveram tupi, em vez de *h* empregaram muito impropriamente *ç*" (p. 147).

Outro autor, que admite esta opinião, é Barbosa Rodrigues, que não vê no fato em apreço fenômeno fonético, mas uma impossibilidade articulatória por parte dos colonizadores (13).

-
- (10) — Mansur Guérios (Rosário Farâni) — O.c. p. 4 — Rodrigues (Aric Dall'Ígna) — O.c. pp. 341/342. Estes autores afirmam que o "s do tupi-guarani comum, inicial ou medial, conserva-se no proto-tupi e torna-se *h* no proto-guarani". Mansur Guérios denomina **proto-tupi guarani** ou **tupi-guarani-comum** a língua falada nas regiões do Paraguai logo que as Américas foram povoadas. O **proto-guarani** por diversos fatores — étnicos, políticos, religiosos, econômicos — ainda no dizer do autor, distendeu-se do Sul para o Norte (litoral brasileiro e Amazonia) e fracionou-se em diversos dialetos. "Num complexo, os dialetos do Sul, saíram de um **proto-guarani** ou **guarani comum** e os do Norte provêm de um **proto-tupi** ou **tupi comum**". O.c. pp. 4/5.
- (11) — Almeida Nogueira (Batista Caetano de) — **Apontamentos sobre o abañeenga** — In Ensaio de Ciência (por diversos amadores). F. I, março, 1876 — Rio de Janeiro, 1876.
- (12) — Almeida Nogueira (Batista Caetano de) — **Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da Conquista Espiritual do Padre A. Ruiz de Montoya** — In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VII, Rio de Janeiro, 1879. O **Vocabulário**, ocupa todo o vol. VII dos Anais, isto é, as pp. 7/603.
- (13) — Barbosa Rodrigues (J.) — **Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da lingua** (Complemento da Poranduba Amazonense) — In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI (1887-1888), 2.º fascículo, Rio de Janeiro, 1892. "A letra *h* indica sempre uma aspiração; corresponde ao espirito áspero dos gregos e as palavras que eram assim aspiradas, os PORTUGUESES, NAO PODENDO PRONUNCIAR-LAS BEM, (o grifo é nosso) passaram para *c*... Os espanhóis admitiram o *h* em todos os casos em que figura o *c* português" (Pp. 27/28).

Ante a complexidade do assunto, de solução difícil, será preferível que se adote atitude conciliatória entre as duas correntes de idéias, não por simples comodismo, mas para que não sejam emitidos juízos temerários. Parece-nos, todavia, que se trata realmente de fenômeno fonético. Não se pode negar que tenha havido mudança fonética ($s > h$ ou $h > s$, em consequência de um enfraquecimento ou reforço articulatório), mas, por outro lado, julgamo-nos capacitados para provar que no tupi-guarani litorâneo o fonema aspirado existia concomitantemente com o som representado por *s* (*ç*, *c*). A afirmação sobre a inexistência completa do fonema aspirado *h* no proto-tupi (14) parece não ser procedente. Senão, vejamos. Figueira (15) registra: *ahẽ* "êste"; *hái* "diz o que sente doutro"; *hé* "diz o que está angustiado"; *hẽhẽ* "sim, da mulher, e também do homem".

O *h*, parece-nos indubitável, em tais palavras funciona como índice gráfico do fonema aspirado. Não se pode deixar de pensar dêste modo, especialmente se nos ativermos ao que escreve o Pe. Araujo na "Advertência" que serve de preâmbulo ao seu "Catecismo" (16).

Diz êste autor: "*H*, nos exemplos acima (*aimoinghẽ*, "meto dentro"; *namonhãngi*, "não faço") não é aspiração rigorosa, só comunica aspereza ao *G*. Porém nestas palavras *ahẽ*, homem; *ehẽ*, sim das mulheres, e em alguma mais, se há, é aspiração áspera, e *PERCEPTIVEL* (o grifo é nosso), lançado o hálito com alguma violência para fóra".

As palavras do Pe. Araujo dispensam outros comentários sobre a existência do fonema aspirado. Se tanto não bastasse, po-

(14) — Rodrigues (Arion Dall'Igna) — O.c. p. 341.

(15) — Figueira (Luiz) — O.c. pp. 15, 85 e 138 respectivamente.

(16) — Araujo (Antonio de) — *Catecismo Brasilico da Doutrina Cristã* — Publicado de novo por Julio Platzmann — Edição fascimular — Leipzig, 1898. As páginas da "Advertência sobre a ortografia e pronunção dêste Catecismo" não são numeradas.

deríamos recorrer a outras fontes, entre as quais o "Vocabulário na língua brasílica" (17), e este fato terá plena confirmação.

Embora sendo reduzido o número de palavras aspiradas no tupi litorâneo, não se pode evidentemente negar a sua existência. Por outro lado é verídico que grande número de palavras de pronúncia aspirativa nas regiões paraguaias não o eram no Brasil. Isto não merece dúvida, desde que foi provada a existência do fonema aspirado no tupi-guarani da costa. Se tais palavras tivessem sido pronunciadas aspiradamente (e a aspiração era *perceptível* como diz o Pe. Araujo), porque haveriam de ter sido grafadas com *s* (ç, c)? Quando foi necessário indicar som aspirado, não usaram os escritores do tupi-guarani brasílico do *h*? Já demonstramos que sim. Concluir-se-á então pela existência de modalidades dialetais da língua: vocábulos, que eram aspirativos nas regiões paraguaias, não o eram no tupi-guarani do litoral do Brasil.

Montoya já percebera o fenômeno em estudo, ao escrever: "La *H* y la *C* se suelen usar una por otra" (18). Registrando o verbo "salir", o mesmo autor anota: *Hẽ*. Salida 1. *cẽ*. *Ahẽ*, yo a salir, *cẽmbãra*, *hembãra*, *hembãba* (19). Na página 16 da salgo, *aunque no se usa en muchas partes, sino açẽ, quicẽma*, mesma obra encontra-se: "açocẽ. 1. ahocẽ. 1. aoçẽ. 1. coçẽ. 1. ocẽ. Posposicion, lo mismo que supra, sobrepujar, y abundancia".

Que havia diferença na pronúncia das palavras citadas é indubitável, pois o *aunque no se usa en muchas partes*, está mais que explícito. Infelizmente não podemos, através das palavras de Montoya, saber quais sejam essas outras partes, embora se possa admitir que sejam as regiões litorâneas do Brasil. Sendo sua obra alguns anos posterior à obra de Anchieta (1595 e 1639 respec-

(17) — Vocabulário na língua brasílica — O.c. Na página 199 ocorre: "Ele — ahẽ; a página 303: "Muito bem. i. bem estou, ou caio nisso q. dizes. — Eẽ. Eẽheguig. E a mulher jã em lugar de Heguig."

(18) — Montoya (Antonio Ruiz de) — O.c. p. 146 v.

(19) — Idem. O.c. p. 146 v.

tivamente) não é de todo improvável que Montoya tenha tido conhecimento do trabalho dêste último e, conseqüentemente, tenha percebido a diferença de pronúncia. Aliás, Martinez (20) referindo-se aos trabalhos de Montoya, não sabemos se baseado em fontes seguras ou se por simples processo comparativo, afirma categoricamente: *El mayor mérito no está en su Arte, que en grande parte ha sido tomado de Anchieta...*" (p. 123). Serafim Leite expende opinião semelhante, embora não afirme categoricamente que Montoya compendiou sua *Arte* baseando-se na de Anchieta. Admite que os jesuitas do Paraguai deveriam ter conhecido os escritos dos jesuitas portugueses do Brasil (21). Se Montoya realmente conhecia o tupi-guarani falado no litoral brasileiro, através da *Arte* de Anchieta, não podemos duvidar da dialeção da língua.

Asseveram os que não vêm na questão fenômeno fonético, que, se Figueira, Anchieta, etc. usaram do *s* (ç, c) em lugar do *h*, é porque eram de fala portuguesa, enquanto Montoya usou do último símbolo por ser de fala castelhana. Em verdade, atualmente, em português o *h* não representa valor sônico algum (salvo nos digramas *nh*, *lh*, *ch*), conservando-se na escrita unicamente por tradição etimológica, ao passo que o castelhano rejeitou-o quase sempre. Mas, como em latim originariamente o *h* era índice gráfico de som gutural levemente aspirado, os jesuitas — embora de fala portuguesa — deveriam conhecer perfeitamente esta sua função. A prova disto está, como demonstramos, no seu emprêgo por Figueira, Pe. Araujo e "Vocabulário na língua brasílica". Maior valor adquire a ocorrência do *h* na obra do Pe. Araujo, quando se sabe não ser êle o autor do "Catecismo", mas apenas seu coordenador. Isto porque reuniu e or-

(20) — Martinez (T. Alfredo) — *Orígenes y leyes del language aplicadas al idioma guarani* — Buenos Aires, 1916.

(21) — Citando Pedro Rodrigues, Serafim Leite escreve: "por onde a *Arte* desta língua (a *Arte de Gramática*, de Anchieta) e as práticas e dou-

denou material de vários padres e “línguas” portugueses. E estes, quando necessário, usaram do *h*, ao mesmo tempo que empregaram o *s* (*ç*, *c*) quando as circunstâncias o exigiam (22).

No castelhano embora hoje o *h* seja mudo, não representando som algum (23), na boca dos espanhóis quando chegaram à América tinha pronúncia aspirativa, como o demonstrou Rodolfo Lenz (24). Embora este fato possa justificar o emprêgo do *h* por parte dos jesuitas das regiões paraguaias, não confirma a assertiva de que os jesuitas do Brasil não o usaram por serem na maioria portugueses.

O estudo dos fonemas representados por *h* e *s* (*ç*, *c*) adquire aspecto dos mais interessantes quando feito em relação a alguns dialetos do tupi-guarani, falados atualmente. Assim é, tendo-se em

trinas, que nela andam escritas, servem também os Padres da Companhia, que andam no Peru, para ensinar os Indios do Tucumão, do Rio da Prata e doutras terras que confinam com o Brasil”. Escreve ainda Serafim Leite: “Os Padres do Brasil chegaram a Tucumã em 1587 e ao Paraguaí em 1588. Destes escritos tiveram, sem dúvida, conhecimento Barzana e Ruiz de Montoya, em cujos nomes andam os primeiros impressos”. [Serafim Leite — **História da Companhia de Jesus no Brasil**, tomo II (Século XVI — A obra), Lisboa, 1938: p. 554].

- (22) — Araujo (Antonio de) — O.c. — Serafim Leite, o.c. t. II, p. 560, transcreve as seguintes palavras do Pe. Araujo, que se encontram no **Prólogo ao leitor** da 1.^a edição: agora que a Companhia “ordenou por via do Reverendo Padre Provincial Pedro de Toledo, que eu o minimo de seus filhos possesse em ordem, para com a do nosso Reverendissimo Padre Geral se imprimir o Catecismo, que nesta língua antigamente compozerão alguns Padres doctos e bons lingoas...”.
- (23) — Segundo a Real Academia Espanhola ainda se aspira nas seguintes palavras: *hastial*, *hegeliano*, *hegelianismo*, *hipar*, *hipido*, *holgorio*, *hopo*, *humera*. Cf. Real Academia Espanhola, **Diccionario de la lengua española** — Décima sexta edição, Madrid, 1939.
- (24) — Não nos foi possível consultar a obra do Dr. Rodolfo Lenz — **Diccionario etimológico de las voces chilenas derivadas de las lenguas indígenas americanas**. Santiago — 1906-10. Aproveitamos parte de seus estudos sobre o *h*, pelas referências que se encontram na obra **Técnica Etimológica y Etimología Andina** de Leon Strube E. — Separata da “Revista de la Universidad Nacional de Córdoba — Año XXX — n.º 5-6-1943”, Córdoba, Rep. Argentina, 1943.

vista que tribos radicadas no norte do Brasil central apresentam as mesmas peculiaridades fonéticas do tupi-guarani das regiões paraguaias, enquanto grupos que pela sua posição geográfica deveriam estar ligados às tribos destas últimas regiões, se acham acordes com os tupis litorâneos.

Os vocábulos que se seguem, colhidos entre os índios *guajajaras*, *parintintins* e *tembés*, patenteiam explicitamente o fato referido:

Guajajaras (25)		Parintintins (26)	
pitiworHára	— ajudador	eroHó	— leva!
pikaHú	— pomba	enoHê	— tire-o!
katuHáu	— bondade	hetá	— muito
reHé	— por	o-yaHeó	— chorou
Há	— ir	ye-moHún	— me pintou de preto
raHá	— levar	reHé	— por

Tembés (27)

hakuHáu	— febre
hetá	— muito
hó	— ir
keriHáu	— lugar para dormir
reHé	— por

Como se vê, os grupos que falam êstes dialetos, no que diz respeito ao fonema aspirado, devem ser classificados entre os guaranis pròpriamente ditos.

Dados lingüísticos referentes aos *guaraios* da Bolívia, evidenciam uma situação oposta, isto é, em relação ao fonema aspirado encontram-se em condições idênticas às dos tupis da costa do

-
- (25) — Roberts (F.J.) e Symes (S.P.) — *Vocabulary of the Guajajara dialect* — In *Journal de la Société des Américanistes* — Nouvelle série, t. XXVIII, Paris, 1936.
- (26) — Nimuendajú (Curt) — *Os índios parintintin do rio Madeira* — In *Journal de la Société des Américanistes* — Nouvelle série, t. XVI, Paris, 1924.
- (27) — Rice (Frederick John Duval) — *O idioma tembé (tupi-guarani)* — In *Journal de la Société des Américanistes* — Nouvelle série, t. XXVI, Paris, 1934.

Brasil. As informações que nos transmitiu Recalde (28) não deixam motivos a qualquer dúvida neste sentido. Tratando dos índices de relação determinativa de posse no *guaraio*, escreve o referido autor: "En el guarayo la *s*, es la preferida como en brasileiro, sin que se haya abandonado la *h* mientras que en el paraguay es preferida la aspirativa *h*, y talvez nunca aparece la *s* como afijo de tercera persona" (P. 12). Na mesma página escreve: "La voz *etá* (mucho) en absoluto hace: *tetá* y en relativo, *retá*. *Setá*, tiene pronunciación llana em guarayo..." Ainda no mesmo trabalho (pp. 10/11) encontra-se: "La aspirativa *h*, es apenas perceptible em *huhu* (*húu*), (flecha) em parag.: *hu' i*. Sin embargo, se decha escuchar bien en boca de mujer cuando dice *hẽẽ*, (el si del consentimiento) em parag.: *he'ẽ*". Outros exemplos são citados pelo autor, evidenciando ainda mais a diferença fonética entre o guarani e o guaraio (no caso do fonema aspirado), ao mesmo tempo que aproxima este último do tupi da costa do Brasil.

A ocorrência deste fenômeno fonético é de grande importância para os estudos etnológicos brasileiros, pois concomitantemente com fatores sociológicos e ergológicos, ele envolve o problema da localização do *habitat* primitivo dos tupi-guaranis e o problema das migrações destes índios. Poder-se-á chegar por estas vias a repartir essa grande família lingüística em grupos bem definidos, ligados entre si por peculiaridades lingüísticas e culturais bem características.

O nheengatú conservou o cunho lingüístico do tupi-guarani litorâneo, isto é, raro emprêgo do som aspirativo e abundância do fonema representado por *s* (*ç*, *c*). Em tôdas as obras que versam o tupi-guarani falado na Amazônia, este fato torna-se evi-

(28) — Recalde (Juan Francisco) — El guarani de los guarayos de Bolivia — In Revista del Ateneo Paraguayo — Letras, Artes, Ciencias, Año 1, num. 1. Noviembre — Diciembre de 1940 (Assunción — Paraguay), 1940.

dente logo ao primeiro exame. Couto de Magalhães (29), por exemplo, escreve: “*Ahé oraçó* (êle leva) (p. 8). Temos o *h* aspirado em *ahé* e o *ç* em *oraçó*, correspondente ao *h* do guarani — *rahá* — levar. Neste mesmo autor (p. 3) lê-se: “O *h* é levemente aspirado; assim, escrevemos a palavra *tahá* com *h* na última sílaba, para indicar que ela é levemente aspirada”.

O trecho seguinte, parte da lenda “Como a noite apareceu” (*mai pituna oiuguau āna*), ainda de Couto de Magalhães (30), torna bem manifesto o emprêgo do *h* simultaneamente com o *s* (*ç*, *c*): “*Ahé ocenōi muçapira miaçúa; xemirecō omundū aitá irūba óca piri, oçó opiāmo arāma iepé tucumā rainha*”. Os exemplos poderiam ser multiplicados, citando-se os escritos de diversos autores que versaram o nheengatú. Chegar-se-ia entretanto ao mesmo resultado, motivo pelo qual nos absteremos de outros comentários. Assim sendo, dissentimos, — em face do que nos foi possível inferir através da documentação consultada — da afirmação de Arion Rodrigues de que no nheengatú “conserva-se completamente desconhecido o fonema aspirado do guarani” (31).

No guarani falado hoje em dia no Paraguai conservou-se, a exemplo do guarani clássico, a pronúncia do fonema aspirado, ora representado por *h*, ora por *j*, ora pelo dígrafo *jh*. Esta instabilidade ortográfica deve-se unicamente a influência castelhana, pois nesta língua, como já dissemos, o *h* (com raras exceções) não mais representa som aspirativo. Como o som aspirado do castelhano, representado por *j*, é muito mais sensível que o som aspirado do tupi-guarani, alguns autores serviram-se dos dois símbolos combinados — *jh* — para a representação do fonema em apreço. Entre os que usaram deste último dígrama

(29) — Couto de Magalhães (José Vieira) — Curso da língua geral segundo Ollendorf (compreendendo o texto original de lendas tupis) — In o Selvagem, Rio de Janeiro, 1876.

(30) — Couto de Magalhães (José Vieira de) — O.c. p. 165.

(31) — Rodrigues (Arion Dall'Igna) — O.c. p. 342.

citam-se Ortyz Mayans (32), Juan de Bianchetti (33) e Narciso Colman (34). Na obra dêste último encontram-se os seguintes versos, que abonam estas afirmações:

nde re]Hé che manduá
py]Haré]Ha ára cué
.....
ñembo'é vo nde re]Hé,
jha avá nde re icové.

Bianchetti (35) justifica o emprego de *jh*, ao escrever: "Algunos estudiosos, Montoya, Martínez, etc., el fonema *jh* representan con una *h* fuertemente aspirada; nosotros creemos que por más aspirada que se pronuncie, no representa con justeza el sonido *jh*. El salesiano Bottignoli, en su "Gramática Razonada de la Lengua Guarani", emplea la *j* para representar este sonido aspirado, que es menos acertado todavía que el de la *h* aspirada". O padre Guasch (36), neste particular, segue a grafia dos gramáticos antigos, pois usa sômente do *h*.

* * *

O *h* (*s*, *ç*, *c*) além de notação gráfica de fonema aspirado, tem funções gramaticais. Estas são duas, mas, como os autores divergem a respeito da nomenclatura das mesmas, aparentemente, aquele número poderá ser elevado. As duas funções referidas são:

- a) — *índice de relação determinativa de posse de 3.ª pessoa* (sing. e plural);
- b) — *índice de transitividade*.

(32) — Mayans (Antonio Ortyz) — *Diccionario castellano — guarani* — Asunción — Paraguay, 1935.

(33) — Bianchetti (Juan de) — *Gramática guarani (Avá ñeê) y principios de filología* — Buenos Aires, 1944.

(34) — Colman (Narciso R.) — *Ocara Poty (Flores Silvestres)* — 2.ª edición, corregida y aumentada, 2 tomos, Asunción, Paraguay, 1921. Cf. T. I, p. 65.

(35) — Bianchetti (Juan de) — O.c. p. 25.

(36) — Guasch (Antonio) — *El Idioma Guarani — Gramatica, Vocabulario, Lecturas* — Asunción — Paraguay, 1944.

Antes da análise direta da primeira função, algumas notas preliminares sôbre o assunto são indispensáveis para a sua perfeita compreensão.

Batista Caetano (37), denomina os *pronomes pessoais* do tupi-guarani de *pronomes pacientes* e inclui entre êles o *h* (pp. 9/10). Uma observação mais atenta, como se demonstrará, fará que não se atribua muita razão a Batista Caetano, quando inclui o *h* entre os pronomes pacientes. Êste autor parece que assim procedeu "levado talvez pelo fato de se os traduzirem em português (os possessivos), em certas orações, por pronomes do caso oblíquo" (38). O próprio Batista Caetano atribui a função de índice de posse ao *h*, quando escreve: "Prepostos a verbos intransitivos ou a substantivos são verdadeiros genitivos e servem de de pronomes ou adjetivos possessivos, p. ex.: *che kér* o dormir ou o sono de mim, o meu sono; *nde mbaé* as cousas de ti ou as tuas cousas..." (39). Do *Vocabulário* (40) do mesmo autor coligimos: *hekó*, o ser dêle, ser êle, *heí*, êle o diz, *heñói*, brotar êle, *heõ*, morrer êle, *hér*, o nome dêle.

Verifica-se, nestes exemplos de Batista Caetano, que, quando o verbo está precedido dos "pronomes pacientes", deixa de funcionar como tal para exercer função de substantivo e "para poder entrar em estado de possessão, determinado pelos índices de relação" (41). Parece, conseqüentemente, não se justificar a sua inclusão entre os pronomes pacientes.

(37) — Almeida Nogueira (Batista Caetano de) — *Esbôço gramatical do abãñeê ou língua guarani*, (chamada também no Brasil língua tupi ou língua geral, propriamente *abañeênga*) — In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. VI, Rio de Janeiro, 1879.

(38) — Ayrosa (Plínio) — *Dos índices de relação determinativa de posse no tupi-guarani* — In *Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, n.º XI (n.º 1 da série "Etnografia brasileira e Língua tupi-guarani") — São Paulo, 1939.

(39) — Almeida Nogueira (Batista Caetano de) — *Esbôço...* o.c. p. 10.

(40) — *Idem, idem* — *Vocabulário* ... o.c.

(41) — Ayrosa (Plínio) — *O.c.* p. 35.

Tendo por positivo que o *h* tem atribuição de índice de relação determinativa de posse, analisêmo-la com maiores minúcias.

Para a determinação de posse relativa à 3.^a pessoa, singular e plural, empregam-se os quatro índices: *h*, *i*, *g* (*gu*), *o*, equivalentes a *seu, sua, seus, suas, dêles, delas, se, si, sigo*. Os dois últimos — *g* (*gu*), *o* — possessivos reflexivos, são chamados *recíprocos* pelos antigos gramáticos.

Os índices *h*, *g* (*gu*), aplicam-se a muitas palavras que se iniciam por *r* ou que, iniciadas por *t* ou *h* (ou por outra letra excepcionalmente) recebem *r* na relação de posse de 1.^a e 2.^a pessoas:

	ryrú	{	hyrú	— seu cesto
		{	guyrú	— seu cesto (dele)
	rupibé	{	hupibé	— junto dele (com ele)
		{	gupibé	— junto de si (consigo)
tugúy	— rugúy	{	hugúy	— seu sangue
		{	gugúy	— seu sangue
hapó	— rapó	{	hapó	— sua raiz
		{	guapó	— sua raiz (dele)
soó	— roó	{	guoó	— sua própria carne
		{	hoó	— sua carne

Aos dois índices, *h*, *g* (*gu*) correspondem os dois outros — *i*, *o* — com funções idênticas, aplicáveis, porém, a muitas palavras que se iniciam por consoantes:

	pý	{	ipý	— seu pé
		{	opý	— seu pé (dele)
jaguár		{	ijaguár	— seu cão
		{	ojaguár	— seu cão (dele).

Em linhas gerais (pois não consideramos as exceções, o que nos levaria fóra dos propósitos dêste trabalho), são assim indicadas as relações determinativas de posse de 3.as pessoas, onde

ficou patenteada a função do *h*, ou do seu equivalente *s* (*ç*, *c*) no tupi litorâneo (42), como índice possessivo.

A outra função do *h*, como foi dito, é a de *índice de transitividade*. Ainda neste caso há uma identidade de valores entre o *h* e o *i*, pois este desempenha a mesma função. Há apenas uma alternância entre os dois símbolos, conforme o vocábulo se inicia por vogal ou consoante.

Nos trechos que seguem, extraídos da “Conquista Espiritual” (43), o *h* aparece exercendo as duas funções apontadas:

a) — *Año de 1602 Paý Claudio Aquaviva, Paý de la Compa. General ramõ, HUBICHABETÉ raïmo, guécõ ramo. oyeplã mõi Paraguay ýbïpe Paý retã mboú jebĩ...* (P. 93).

b) — *Paý José Cataldino haé Paý Simão Mazeta, Italia reheguã memẽ Paý Diego de Torres oquáy hagué cotĩ ohõ ramo, guarahĩ cẽmbã cotĩ ojogueroatã; 160 leguas mboaguiyé riré oiqué peteî tãba mirĩme. 30 caray nacõ oicõ acõipe Guaira HEÝ (sic) acé acõi tãba upé HERÕBO aracaé* (P. 94/95).

No primeiro trecho (a) encontramos a palavra *hubichabeté*, onde o *h* está funcionando como índice de posse:

(42) — Cf. Anchieta (José de) — O.c. p. 12v. e Figueira (Luiz) — O.c. p. 73.

(43) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Aba reta y caray ey baecué Tupã upe ynemboaguiye uca hague* — Pay de la Compa. de IHS poromboeramo ara cae P. Antonio Ruiz Icaray ey baé mongetaipĩ hare oiquatia Caray neê rupi ýma cara mbohe hae Pay ambuae ogueroba aba neê rupi Año de 1733 pípe S. Nicolas Pe. Ad. Majorem Dei Gloriam — Versão da “Conquista Espiritual” do Pe. Antonio Ruiz de Montoya, escrita em 1639, feita por um outro padre da Companhia de Jesus. Este texto em guarani, posto em vernáculo por Batista Caetano, faz parte integrante do trabalho: *Manuscrito Guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre a primitiva catequese dos índios das missões Composto em castelhano pelo P. Antonio Ruiz Montoya, vertido para guarani por outro padre jesuíta e agora publicado com a tradução portuguesa, notas e um esboço gramatical do Abãneê pelo Dr. Batista Caetano de Almeida Nogueira.* — In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. VI, Rio de Janeiro, 1879.

hubichabeté < *h* + (*t*) *ubicháb* + *eté*, seu verdadeiro chefe (indicando claramente que o padre Claudio Aquaviva era o chefe da Companhia).

No trecho seguinte temos *heý*, onde o *h* também está exercendo funções de índice de posse:

heý, êle o diz, o dizer dele,

e a palavra *heróbo*, cujo *h* está a indicar transitividade:

heróbo < *h* + *eróg* + *bo*, nomeá-lo, nomeá-la, ou nomeando-a, em visita da presença de *bo*.

Na partícula *háb.a* o *h* estará a desempenhar uma ou outra das funções apontadas ou será simples índice gráfico de som aspirativo? A resposta a tal quesito será difícil, mas tentemos alvitrar algumas hipóteses a êste respeito, tendo como ponto de apoio os diversos significados desta partícula: *lugar*, *pouso*, *tempo*, *modo*, *instrumento*, etc.

Antes do mais é preciso que se considere a existência, no tupi-guaraní, da partícula *tá*, que funciona como verbo intransitivo: *abundar*, *ser muito* ou *multiplicado*; *pousar*, *ficar*, *permanecer*. Batista Caetano (44) afirma que *tá* é o relativo de *eté* (muito) com o qual é conexo *táb* (povo, aldeia). *Tá* é conexo também com *tã*, que aparece em *etã* (povoação, arraial, pouso, sítio; o lugar em que pousam muitos; pátria, região). Se considerarmos o *t* como demonstrativo geral (45) podemos relacionar *tá* com *a* — ou *áb* — (cabelo, pelo, lâ, plumas; brotado ou aberto, dividido, multiplicado, e por extensão de idéia: o *que é muito*) ou então com *ár*, que em composição, no dizer de Montoya (46), significa *muito*. Assim poderemos pôr em conexão *ta* < *táb* > *tába* (povo, aldeia, sítio, pouso) com *háb.a*, de significado até certo ponto idêntico: pouso, lugar, sítio.

Entretanto, como se sabe, *tába* é das palavras que excepcionalmente não mudam o *t* em *r* ou *h*, quando entram em relação

(44) — Almeida Nogueira (Batista Caetano de) — *Vocabulário...* o.c. p. 467.

(45) — Ayrosa (Plínio) — O.c. p. 39 e seq.

de posse. Precedida dos possessivos retém o *t*: *che tãba*, *nde tãba*, *itãba*, etc..

Pode-se admitir teoricamente que este *t* nem sempre foi fixo, coexistindo as formas *áb* ou *ába* (pouso, lugar) e *tãba* (o pouso o lugar). Como hoje o *t* não mais se substitui por *r* ou *h* em estado de posse, não é fácil explicar o aparecimento do *h* em *hãb.a*, desde que se queira ver uma certa conexão entre os dois vocábulos. O *h* nesta última partícula estaria com atribuição de índice determinativo de posse: o pouso dêles, o lugar dêles, o lugar de reunião, de pouso — denotando a frequência ou continuidade do fato em determinado lugar.

Não queremos ir além nestas conjeturas, acentuando que a atribuição de índice relativo de posse ao *h* no caso da partícula *hãb.a*, é simples hipótese. Todavia a conexão com *tãba* está mais ou menos provada.

O B DE HABA

A consoante bilabial *b*, à semelhança do *h*, tem sido alvo das atenções de quantos versaram o tupi-guarani. Tais atenções são devidas, sem dúvida alguma, ao fato de que este fonema constituiu elemento de diferenciação entre o proto-tupi-guarani e o tupi-guarani moderno (abanheenga e nheengatú). Esta diferenciação consiste, para os que têm estudado o assunto, no seguinte: o proto-tupí e o proto-guarani possuíam o fonema *b*, enquanto atualmente o abanheenga substituiu-o por *v* e o nheengatú por *u*.

Alguns autores paraguaios comentando o fenômeno asseveram que o *b* nunca existiu na língua, a não ser no dígrafo *mb*. Bertoni (47) p. ex., afirma que em relação às consoantes ex-

(46) — Montoya (Antonio Ruiz de) — O.c. p. 4.

(47) — Bertoni (Guillermo Tell) — *Fonología, prosodia y ortografía de la lengua guarani* (Trabajo aprobado por la asociación "Cultura Guarani" y sometido al II Congreso Internacional de História y Geografía de América) — Asunción (Paraguay), 1926.

plosivas o guarani se caracteriza (além de outros fenômenos lingüísticos) por: "ausencia de la bilabial sonora *b*, que no existe más que en la combinación *mb*, como en *mbaracá*..." (p. 18).

Igualmente categórica é a opinião de Recalde (48), quando escreve: "*b* — Se usa solamente precedida de *m*: *mba*, *mbe*, *mbi*, *mbo*, *mbu*. Constituye un grave error ortográfico escribir *tabapi* por *tavapi*; *tobá* por *tová*; *abá* por *avá*; *tabí* por *taví*; Montoya en su diccionario ha abusado de este error. Teodoro Sampaio afirma categòricamente que la *v* nunca existió en la lengua tupi y escribe sistemáticamente com *b* o con *u*. Afortunadamente, este error no puede prosperar".

Na aparência têm razão os paraguaios ao fazerem tais afirmativas, pois em verdade, no guarani falado hoje no Paraguai, não se pronuncia:

túba	mas sim	túva	(tu)
berába	" "	veráva	(verá)
bébé	" "	vevé, etc.	

Embora não se possa negar a evidência dêste último fato, não cremos, por outro lado, que Montoya, Restivo, Japuguái, Insaurrealde, para citar alguns dos autores clássicos que puseram em escrita o tupi-guarani falado nas regiões paraguaias, tenham cometido erro de tal porte — como afirma Recalde — empregando o *b*, se a pronúncia do fonema fôsse nitidamente a de *v*.

Restivo (49), ao compendiar a sua preciosa *Arte*, serviu-se de documentos de vários autores, e no entretanto não emprega

(48) — Recalde (Juan Francisco) — *Nuevo método de ortografia guarani* — São Paulo, 1924.

(49) — Restivo (P. Paulo) — *Linguae guarani grammatica hispanice a Reverendo Patre Jesuita Paulo Restivo secundum libros Antonii Ruiz de Montoya, Simonis Bandini aliorumque adjecto Particularum lexico anno MDCCXXIV in Civitate Sanctae Mariae Majoris edita et "Arte de la lengua guarani"*. Stuttgartie, MDCCCXCII — Trata-se da reedição da *Arte* publicada por Restivo em 1724, precedida de nove frontispicio.

o *v*. Registra os vocábulos, usando do *b* sem o menor comentário (50).

E' também digna de nota a ocorrência da pronúncia *b* em Corrientes. Tendo-se em vista a posição geográfica da região, era de se esperar que a pronúncia em aprêço fôsse a da fricativa *v*, como o é no guarani paraguaio. Entretanto, como está bem explicito no "Boletín da Academia Correntina" (51), verifica-se que a bilabial *b* é pronunciada correntemente. No Boletim referido, lê-se: *baí, íbága, abaré, mburubichá, íbírá*, etc.

Montoya (52) e Figueira (53), em opposição ao que asseveram os paraguaios, afirmam que o *v* é que não existe no

(50) — "El artificio desta lengua es tan raro y singular, que sin tener el Principiante algun Arte ó sintaxi que le guie y enseñe, no es fácil alcanzarlo luego. Por esso algunos PP. movidos de su mucha caridad han compuesto Artes, y dado varias instrucciones muy buenas, pero no todos tienen todo, y mucho trabajo seria averlos de pasar todos, para aprovecharse de lo bueno y muy escogido que ellos tienen; este trabajo he querido escusar yo á los venideros, pues me puse de propósito á juntar en uno lo mas selecto que en cada uno dellos he hallado, siguiendo el método del Arte que compuso el Ven. Padre Antonio Ruiz de Montoya, que es esta obrita, que te ofrezco, en la qual he tambien añadido muchas otras Anotaciones y reglas, que yo he sacado de varias composiciones de Indios y del P. Simon Bandini, tenido comumente por Principe desta lengua, aviendolas primero averiguado con Indios muy capaces, y comunicado con Padres muy versados en esta lengua" (o grifo é nosso). — Restivo, o.c. p. 5.

Como faz notar claramente, Restivo valeu-se das melhores fontes possiveis — indios "muy capaces" e padres "muy versados" — e todavia nada diz a respeito do uso do *b* ou do *v*. Se tivesse encontrado, ao menos em um documento que fosse, o emprego do *v* em lugar do *b*, por certo teria feito alguma referência neste sentido.

(51) — Boletín de la Academia Correntina del Idioma Guarani, Tomo I, Número 1, junio de 1943, Buenos Aires, 1943.

(52) — Montoya (Antonio Ruiz de) — Arte de la lengua guarani. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann — Leipzig, 1876. "Las letras que faltan son F.I.K.L. rr doblada. S. V consonante. X.Z. no tiene muta cum liquida, vt cra, pra, por S. usan C. lene. y por V. B lene" (p. 93).

(53) — Figueira (Luiz) — O.c. "As letras de que se usa n'esta lingua, são as seguintes: A, B, C, D, E, G, H, I, Y, K, M, N, O, P, Q, R, T, U, X, til" (p. 11). Atesta o emprego do *b*, enquanto que não registra o *v*.

tupi-guarani. Se não estamos concordes com os que negam a existência do *b*, também não daremos apoio integral aos que têm propensão por esta consoante, rejeitando o *v*. Preferiríamos considerar as duas correntes de idéias como paralelas, porque ambas, parece-nos, estão próximas da realidade. Expliquêmo-nos. Considerando a situação atual do fenômeno — fixação da pronúncia *v* no Paraguai e *u* no nheengatú — parece-nos que a pronúncia do fonema representado no proto-tupi-guarani por *b* não se fazia com a pureza que hoje possui. O som verdadeiro, como já o demonstrou Plínio Ayrosa (54), seria o correspondente aproximado do *w* inglês. Seria uma pronúncia média entre *b*, *v*, e *u*. Se esta era a realidade, como se explicará a atitude dos gramáticos do tupi-guarani clássico optando pelo *b* e rejeitando categoricamente o *v*? Crêmos que a resposta poderá ser encontrada levando-se em conta a língua materna dos que registraram o tupi-guarani.

É fato por demais sabido, e incontestável, que em grande parte da Península Ibérica há concorrência de uso entre *b* e *v*, tanto na linguagem falada como na escrita. Esta troca entre as duas consoantes não ocorre apenas na fala atual da Espanha e Portugal, pois já era frequente no latim vulgar (55).

(54) — Ayrosa (Plínio) — Subsídios para o estudo da influência do tupi na fonologia portuguesa — In Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, Departamento de Cultura, São Paulo, 1938.

(55) — Nunes (José Joaquim) — Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e morfologia) — 2.ª edição, Lisboa, 1930. "Encontra-se por vezes *v* — representado por *b*; a razão disso está principalmente na confusão que se estabeleceu entre as duas consoantes ainda no latim vulgar, confusão que continua a persistir, como ficou dito (§ 38-A, 2. Ob.): são exemplos desta troca, entre outros, os seguintes: *bodo*, *boda*, *bodivo* (arc), *a-par-de vodo*, *voda*, *vodivo* (arc), *baixel*, *barbeito*, *pop. barrer* e *bassoira*, *bexiga*, *abanar bainha*, *buitre* ou *abuitre* de *votu*, *vota*, *votivu*, *vescullu* (diminutivo de *vesculum*, que já o é de *vas*), *vervactu*, *verrere*, *versoria*, *vessica* (por *vesica*), *vannare* (em vez do clássico *vannere*), *vagina*, *vulture*" (Pp. 92/93). Nascentes (Antenor) — Gramática da língua espanhola, 3.ª edição, Rio de Janeiro, 1934. "O *v* na maior parte da Espanha tem pronúncia

Se os que registraram o tupi-guarani eram em maioria de fala português e castelhana, nada deve estranhar o emprego do *b*; nem seria motivo para tal se tivessem feito uso do *v*. A pronúncia do fonema não sendo nitidamente *b*, *v* ou *u*, poderiam ter optado por qualquer destes símbolos. Optaram pelo *b*. Isto nos leva a afirmar que no proto-tupi-guarani, embora a pronúncia do fonema em apreço fosse uma pronúncia média entre *b*, *v* e *u*, o som deveria aproximar-se muito mais de *b*.

Havendo no tupi-guarani da costa do Brasil predomínio do *b*, como os "Vocabulários" e "Artes" atestam; se Montoya e outros jesuitas das regiões paraguaias também fizeram uso desta consoante; se atualmente este fonema é pronunciado *v* no abanheenga e *u* no nheengatú, pode-se admitir que se tenha processado uma mudança fonética, mas nunca negar categoricamente a existência do *b* ou do *v*. De uma pronúncia média (*w*) fixaram-se os sons puros de *v* e *u*. Se admitirmos a existência do *b* no proto-tupi-guarani, em vista do que afirmam os autores consultados, diríamos então que houve passagem da momentânea *b* para a continua *v* no abanheenga, enquanto no nheengatú houve vocalização de *b* para *u*. Neste sentido, convém que seja destacada a opinião de Barbosa Rodrigues, que assevera ter sido o *u* dos tupi-guaranis que os "civilizados" passaram para *b* (56). Discordando deste autor, reafirmamos nossa crença de que houve fixação do *v* e *u* (nas regiões apontadas), oriunda de um som intermediário.

igual à do **b** (Academia). Em boca de catalães e valencianos o **v** espanhol soa como **v** português, mas "nas demais regiões só com afetação estudada se pronuncia assim, por empenho de distinguir o **v** e o **b** da ortografia da academia (Pidal)" (p. 10).

- (56) — "... em manifesto engano têm andado todos que supõem que a língua geral, o **auanheenga**, tinha antes dos escritos espanhóis e portugueses, o **b**, o **g** e o **j**. Não houve passagem do **b** para **u**: foi o **u** dos indígenas que os civilizados passaram para **b**". Barbosa Rodrigues (J.) — **Vocabulário indígena** ... etc., o.c. p. 16.

O estudo dêste fonema em alguns dialetos modernos do tupi-guarani confirmará plenamente a nossa tese, pois verifica-se que os autores ao registrá-lo usaram de diversos símbolos gráficos (*v. u, ou, w*), como atestado flagrante de pronuncia dúbia.

Assim temos:

	Terra	Milho	Madeira	Vento
Tupi-guarani (séc. XVI)	ybý	abatí	ybyrá	ybytú
Abanheenga (guar. mod.)	ivý	avati	yvyrá	yvytú
Nheengatú (57)	yuý	auatý	mbyrá	iuytú
Olampi (58)	ioui (iui)	auouassi	iouirá	—
Kamaiurá (59)	üi	avatsi	ivira-i	ivütu
Guajajara (60)	iuü	auati	iuirá	—
Tembé (61)	iwý	awati	iwirá	iwitú
Émerillon (62)	iouí	auouassi	ouirá	ouitou

-
- (57) — Stradelli (Ermanno) — **Vocabulários da língua geral português-nheengatú e nheengatú-português, precedidos de um esboço de gramática nheenga-umbué-sáua miri e seguidos de contos em língua geral nheengatú poranduua** — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Tomo 104, vol. 158 (2.º de 1928). Rio de Janeiro, 1929.
- (58) — Coudreau (Henri) — **Vocabulaires méthodiques des langues ouayana, aparai, oyampi, émérillon** — Précédés d'une introduction par Lucien Adam — Paris, 1892.
- (59) — Steinen (Karl von den) — **Vocabulário Kamayurá** — In Entre os aborígenes do Brasil Central — Tradução de Egon Schaden — Separata renumerada da "Revista do Arquivo" n.os XXXIV a LVIII — Departamento de Cultura, São Paulo, 1940.
- (60) — Abreu (S. Fróes) — **Vocabulário guajajara** — In Na terra das palmeiras (Estudos brasileiros), Rio de Janeiro, 1931.
- (61) — Rice (Frederick John Duval) — O.c.
- (62) — Coudreau (Henri) — O.c.

O A BREVE PARAGÓGICO

Dos fenômenos de metaplasmo no tupi-guarani o que tem merecido maior atenção por parte dos estudiosos é o da *apócope*. Isto facilmente se explica porque do seu uso freqüente nas regiões paraguaias resultou a principal diferença entre o guarani prôpriamente dito e o tupi (litorâneo e amazônico) (63).

É freqüente encontrarmos em gramáticas e dicionários tupi-guaranis certos vocábulos terminados em consoante: *háb, túb, péb, beráb, óg, kuaáb, jaguár, etc.*. Estas consoantes finais podem elidir-se principalmente em composição, ou então pode juntar-se a elas um *a* breve paragógico. No tupi da costa do Brasil, de maneira geral, os vocábulos se apresentam acrescidos daquela vogal (ou muito raramente de um *i*), ao passo que no guarani das regiões paraguaias a consoante quasi sempre se apocopava, como nos atestam os exemplos seguintes:

Montoya (64)	Anchieta (65)	Figueira (66)
mbohãpĩ.r.	moçapíra	moçapýra
yagúã.r.	jaguára	jaguára
taĩ.r.	taíra	taýra
tíquê.r.	tiquéra	tykéra
tibĩ.r.	tibíra	tybýra

Anchieta já notára o fenômeno quando evidencia que a pronúncia dos tupi-guaranis do litoral norte era diferente da dos índios do litoral sul. "Acrecentandose algũa particula depois

(63) — Almeida Nogueira (Batista Caetano de) — *Apontamentos...* etc., o. c. p. 66.

(64) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Tesoro...* O. c.

(65) — Anchieta (José de) — O. c.

(66) — Figueira (Luiz) — O. c.

da ultima consoante, em que se acaba o verbo, o qual se faz no futuro, do Indicativo, no Optativo, nos Preteritos imperfeitos do Cõiunctivo; ha alguma differença na pronunciação, & o uso de diversas partes do Brasil será o melhor mestre. Por que *des dos Pitiguâres do Paraiba até os Tamôyos do Rio de Janeiro pronunciação inteiros os verbos acabados em consoante*, vt. *Apâb, Acêm, Apên, Aiür*”, ao mesmo tempo que: “*Os Tupis de Sam Vicente, que são além dos Tamoyos do Rio de Ianeiro, nunca pronunciam a ultima consoante no verbo affirmativo, vt. pro Apâb, dizem, Apâ, pro Acêm & Apên, Acê, Apê, pronunciando o til sòmente, pro Aiur, Aiü*” (67).

Montoya, tratando do mesmo assunto, escreve: “*Muchos verbos, y nombres, acaban en consonante; la qual en el recto no es muy conocida, y el conocerla es muy necessario para jugar del verbo. Ponense estas letras finales consonantes entre dos puntos, a las cuales se sigue A, siempre breve, vt. Tú.b. padre, Tûba*” (68).

Os guaranis, entre os quais viveu Montoya, falavam segundo se depreende das obras do grande catequista, a lingua tupi-guarani já em estado de evolução mais acentuada, apocopando geralmente as consoantes finais, ao passo que os tupis da costa do Brasil, doutrinados por Anchieta, usavam da paragoge (69).

Assim sendo, os vocábulos no tupi do litoral brasileiro apresentavam-se em vista da paragoge por intermédio da vogal breve, como vocábulos paroxítonos, enquanto que no guarani são geral-

(67) — Anchieta (José de) — O.c. pp. 1/1v.

(68) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Tesoro...* etc. O.c. p. 1v.

(69) — Drumond (Carlos) — *Notas gerais sôbre a ocorrência da partícula tyb, do tupi-guarani, na toponímia brasileira.* — In *Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, n.º XLVI (n.º 5 da série “Etnografia e Língua tupi-guarani”), São Paulo, 1944.

mente oxítonos. Esta, todavia, é a realidade apenas aparente, pois em verdade os vocábulos do tupi eram oxítonos, e se tornavam paroxítonos sômente pelo acréscimo do *a*. Tanto isto é certo que nem sempre a vogal deveria ser pronunciada, pois um mesmo vocábulo foi registrado ora terminando em consoante, ora acrescido daquele índice vocálico, como se vê nos exemplos seguintes:

V.L. Brasilica (70)	Lerý (71)
jetigca	yetic
oca	auh (= og, ok)
jgbaca	uvah (= yvág)
piránga	pirenk
aoba	a-aub

No guarani o fenômeno é paralelo ao que acabamos de ver no tupi litorâneo, pois, se a supressão da consoante final era e é habitual, algumas vêzes, entretanto, a mesma não se apocopa. Em Montoya (72) p. ex., encontramos:

Ta.b. pueblo. *Che tába*, mi pueblo. *Ta cupé*, arrabales; *ta reiquiehába*, entrada del pueblo (p. 347v.).

Ti.b. estar, lugar de las cosas, etc.; *Abatitĩ*, maizales; *Caruhatĩ*, donde se come (p. 387).

Tapichá.r. semelhante; *che rapichára*, mi semelhante; *Cóbae rapichá*, semelhante a esto (p. 355).

A partícula *háb.a* entre os guaranis, frequentemente deveria ter sido pronunciada *ha*, forma contrata usada ainda hoje no guarani moderno, enquanto os tupis litorâneos pronunciariam *hába* (*çába*, *sába*).

(70) — V.L. Brasilica — O.c.

(71) — Lerio (Ioanne) — *Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitur* — Secunda editio, Genevae, MDXCIV.

(72) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Tesoro...* etc. O.c.

O nheengatú conservou, em relação aos vocábulos terminados em consoante, as mesmas características do tupi, isto é, vocábulos acrescidos da vogal *a*. *Háb.a* no nheengatú, em consequência da fixação do *u*, como demonstramos, é pronunciada *sáua* (*çáua*).

Em outros dialetos do tupi-guarani o fenômeno se apresenta com os aspectos até agora apontados. Nos vocábulos terminados em consoante observa-se: a) a consoante se mantém; b) a consoante se apocopa; c) o vocábulo recebe a vogal breve paragógica. No parintintim o habitual é a manutenção da consoante final. Pelo menos é o que se depreende da consulta do vocabulário deste dialeto, ordenado por Nimuendajú (73).

Entre diversos verbetes destacamos: *ráb* (cabelo do corpo); *ivág* (céu); *i-yúb* (água amarela); *ye-rúb* (meu pai); *tupáb* (rede). Ao lado destes terminados em consoante há alguns vocábulos acrescidos do *a* breve, enquanto em outros a consoante se apocopou. Nimuendajú cita, p. ex.: *og* e *óga* (casa); *ivirapád* e *ivirapá-hau* (arco e corda do arco).

A partícula *háb.a* no tembé (74) e *guajajara* (75) apresenta-se sob a forma *háu*, não tendo havido nem apócope nem paragoge. Nota-se que houve fixação de *u* em lugar de *b* ou *v*. Os exemplos seguintes são bastante elucidativos:

<i>bakuháu</i>	— febre, lugar quente	(tembé)
<i>keriháu</i>	— lugar para dormir, sono	(tembé)
<i>petekháu</i>	— castigo	(guajajara)
<i>katuháu</i>	— bondade	(guajajara)

Tendo-se em conta os fenômenos fonéticos estudados [*h* = *s* (*ç*, *c*); *b* = *v* = *u* = *w*; apócope da consoante final, ou paragoge]

(73) — Nimuendajú (Curt) — O.c.

(74) — Rice (Frederick John Duval) — O.c.

(75) — Roberts (F.J.) e Symes (S.P.) — O.c.

é possível a ocorrência (pelo menos teóricamente) das seguinte formas de *háb.a*:

ha	ça	sa
háb	çáb	sáb
háv	çáv	sáv
háu	çáu	sáu
háw	çáw	sáw
hába	çába	sába
háva	çáva	sáva
háua	çáua	sáua
háwa	çáwa	sáwa

OS SIGNIFICADOS DE HÁB.A

Háb.a pela multiplicidade de significados que oferece, é por certo, uma das partículas de emprêgo mais freqüente no tupi-guarani. Se na toponímia a idéia que *háb.a* apresenta é de *lugar*, *posso*, *sítio*, na linguagem corrente, entretanto, a par com os significados apontados, pode designar: *modo*, *causa*, *efeito*, *intento*, *fim*, *propósito*, *tempo*, *cumplicidade*, *companhia*, *instrumento*, *poder*, *faculdade*, *jurisdição*, *sinal*, *marca*.

Nos exemplos seguintes tornaremos evidentes todos êstes significados. Poderíamos ter exemplificado com frases de nossa composição. Preferimos todavia coligir pequenos trechos de obras de autores clássicos, a fim de que não parem dúvidas a respeito de todos aqueles significados. Isto posto, vejamos em separado cada um dos sentidos que *háb.a* oferece.

LUGAR:

Em Montoya (76) colhemos:

Maracayuũguã momarangatú riré Paý Antonio Ruiz oya-

(76) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Abá retã...* etc.; o.c. p. 99.

cahó Maracayú águi Paý José Cataldino haé Paý Simão Mazeta YOGUERECOHÁ cotĩ ohóbo haé Tupā remimbotá rupi marãejĩ mbĩpe obahê Pirapópe Tupãci retã mopuã HAGUÉPE Loretope.

Nêste trecho, *háb.a* por duas vêzes está a indicar lugar: no vocábulo *yoguerecohá* (lugar onde se tinham; lugar onde se reuniam) e em *haguépe* [lugar onde (*mopuã haguépe* = lugar onde tinham levantado)].

Ainda no mesmo autor (77) lê-se:

Che RECOHÁ rupi yquai = passou por meu lugar.

Háb.a designando lugar, tem seus correspondentes em português nos sufixos *ário, douró, eiro, ório*.

Convém que se diga, no entanto, que não corresponde ao sufixo *eiro* quando o mesmo, em vez de dar idéia de lugar, indica profissão. Este último sentido, em tupi-guarani, é dado pela partícula *ha* <*hár*> *hára*. Como no guarani moderno as duas partículas se apresentam sob a forma contrata *ha*, algumas vêzes fica margem para dúvidas, que sòmente o contexto da oração resolverá.

MODO:

Neste pequeno trecho coligido do "Catecismo" de Montoya, logo ao primeiro exame nota-se que *háb.a* está a designar modo:

Ah Tupā che yāra aguĩyebé nde che mongé ucá catupĩri HAGUÉRA, mbaé marā águi che pĩcyrō HAGUÉRA abé.

Ah Deus meu Senhor (*Ah Tupā che yāra*), dou-te graças (*aguĩyebé nde*) pelo modo excelente com que me fizestes dormir (*che mongé ucá catupĩri haguéra*) e a maneira pela qual também me livrastes do mal (*mbaé marā águi che pĩcyrō haguéra abé*) (78).

(77) — Idem. *Tesoro...* o.c. p. 135.

(78) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Catecismo de la lengua guarani* — Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann — Leipzig, 1876 — P. 200.

Na eguĩ *HERUHABA* — *ruguãĩ* — não é este o modo com que se ha de trazer (79).

FIM (finalidade), motivo, causa:

Guóg águi ocẽ ramobé Yglesĩape yepĩ ohó hába moñé, oñemombĩá hápe Missa rendú HAGUAMA.

Assim que sair de sua casa (*guóg águi ocẽ ramobé*) visite logo a Igreja (*Yglesĩape yepĩ ohó hába moñé*) para (com a finalidade de), contritamente, ouvir missa (*oñemombĩá hápe missa rendú haguáma*) (80).

Nandé pĩhĩrõ Tupã — *taĩra ĩbagaqui YGUEYIPABA* — a finalidade de Deus, ao baixar à terra, foi livrar-nos (81).

Tupã — *ñeẽ rendúpa ñõ che RUHABA* — o motivo de minha vinda foi somente ouvir a palavra de Deus (82).

TEMPO:

Ara mbaé TYMBABA ycõ ñandú — este é o tempo em que se costuma semear (83).

Che RUHABA ycõ — este é o tempo de minha vinda (84).

Ang TUHABA biñã — agora é o tempo que havia de vir (85).

Oú yebĩ mbaeti HAGUAMA chupé — chegou outra vez a ocasião (o tempo) de plantações para eles (86).

(79) — Idem — *Tesoro*... o.c. p. 134v.

(80) — Idem — *Catecismo*... o.c. p. 206.

(81) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Tesoro*... o.c. p. 134v.

(82) — Idem — *Tesoro* ... o.c. p. 134v.

(83) — Idem — *Tesoro* ... o.c. p. 134v.

(84) — Idem — *Tesoro* ... o.c. p. 134v.

(85) — Idem — *Tesoro* ... o.c. p. 134v.

(86) — Idem — *Abã retã* ... o.c. p. 246.

EFEITO:

Nandé rubĩpi angaipá HAGUÉ nicó tecoacĩ tetirõ — São efeitos do pecado de nosso primeiro pai as enfermidades (87).

Tupã POYAITAGUÉ memẽ racó eguĩ mbaecatú quié ýbĩpe ñandébe oñemoñãbae — são efeitos da liberalidade de Deus (ou, são liberalidades de Deus) essas cousas que se criam aqui na terra para nós (88).

SINAL, MARCA:

Che nupã HAGUÉ nicó — êste é o sinal de me haver açoi-tado (89).

COMPANHIA ou CUMPLICIDADE:

Che angaipá HAGUERA Chuã — João é com quem pequei (90).

Che mendá HAGUERA ndoycói che yrñ nãmo — aquele com quem me casei, não faz vida comigo (91).

Chuã racó vaca che yyucá HAGUÉ — João é o que matou comigo a vaca (92).

Omanõ Peru cuehé che carú HAGUÉ, morreu Pedro com quem ontem comi (93).

PODER, FACULDADE, JURISDIÇÃO:

Caatĩpe che hó HAGUÃ rehé ayeruré Paý upé — pedi ao Padre licença para ir ao erval (94).

(87) — Restivo (Paulo) — O. c. pp. 102/103.

(88) — Idem — O. c. p. 103.

(89) — Idem — O. c. p. 103.

(90) — Montoya (Antonio Ruíz de) — *Tesoro ...* o. c. p. 135.

(91) — Idem — *Tesoro ...* o. c. p. 135.

(92) — Restivo (Paulo) O. c. p. 103.

(93) — Idem, o. c. p. 103.

(94) — Idem, o. c. p. 103.

Nandeyára Jesus Christo ñôte omeẽ Paý abaré upé angaipá mocañỹ HAGUĀ — Nosso Senhor Jesus Cristo sòmente dá aos sacerdotes poder para absolver os pecados (95).

COUSA ou **AÇÃO** (segundo a matéria de que se trata):

Na Tupā gracia mocañỹ ucá HĀBA ruguāy racó angaipá mirĩ — o pecado venial não é cousa (não é pecado) que faça perder a graça de Deus.

Tecó marā onupā HAGUĀ oyapó ramo, ynupāmbĩ ramo oicóne — praticando ação digna de ser açoitado, será açoitado.

Nandeyára remimboraracué nicó che ñemoñeẽ HAGUĀ — a matéria de meu sermão será a paixão de Nosso Senhor.

Mbaé pánga yporomboé HĀBAMO aracaé — qual foi a matéria de sua doutrina, que doutrina ensinou? (96).

INSTRUMENTO:

Yĩ che PORABIQUIHABA — o machado com que trabalho (97).

Ibirá QUITÍHA — instrumento com que se corta o pau, isto é, serra. *Quĩcé vaca YUCAHA* — a faca com que mato as vacas (98).

INTENTO ou **PROPÓSITO:**

Acói ramobé nde nupā HAGUAMA arecó — desde então tive o intento ou propósito de açoitarte (99).

Oú mbobĩ ñôte amongetá porañhú, amboyequaá ychupé che pĩá yeçarecó, hetáme che QUIREỸ HĀBA abé amombeu chupé

(95) — Idem, o.c. p. 103.

(96) — Idem, o.c. p. 102.

(97) — Montoya (Antonio Ruiz de) — Tesoro... o.c. p. 134v.

(98) — Restivo (Paulo) O.c. p. 102.

(99) — Montoya (Antonio Ruiz de) — Tesoro... o.c. p. 135v.

ranô (100). A tradução da frase: *hetáme che quireŷ hába* (o meu desejo ardente, o meu propósito, o meu intento, de ir à sua terra) mostra de certo modo o sentido que *háb.a* empresta à mesma.

Todos êstes significados de *háb.a* podem ser limitados ou determinados com maior precisão, desde que se lhe posponham outras partículas.

Assim, justapondo a *háb.a* o sufixo *ramo* o sentido da primeira ficará restrito a *modo*, ou, como diz Montoya, *costume* (101). Ao se processar a justaposição das duas partículas ocorrem dois fenômenos fonéticos: aférese do *ra*, resultando o vocábulo *hábamo*, ou apócope da sílaba *ba*, em concomitância com a aférese de *ra*, dando, conseqüentemente, o vocábulo *hámo*.

Che yyapó HABAMO (ou *che yyapó HAMO*) *ayapóne* — farei como costume fazer. *Che haihú HABAMO*, *che raĩhú*, assim como eu o amo, assim êle me ama. *Tupã ñandé raĩhú HABAMO ñabê yahaĩhune* — temos de amar a Deus como êle nos ama (102).

Com a posposição da locativa *pe* determina-se de preferência o *lugar*. Neste caso também há apócope da sílaba *ba*, de maneira que resulta o vocábulo *hápe* e não *hábape*. *Karuhápe*, lugar onde se come; *jukahápe*, lugar onde se mata, o matadouro. *Mbĩa poriahú ohepeñã Tupão marangatú, haé aeté catú Vaca YUCAHAPE vaca oyeyucá rami, ayó rami eteyú mbĩa yyucapĩ ramo oicó* (103).

As partículas temporais *haguã*, *hagué* e *habangué*, admitem também a posposição de *pe*. *Ñemboé haguáme*, lugar onde se há

(100) — Idem — *Abá retá...* o.c. p. 200.

(101) — Idem — *Tesoro...* o.c. p. 135.

(102) — Idem — *Tesoro...* o.c. p. 135.

(103) — "A pobre gente acudiu-se para a Santa Casa de Deus, e não obstante ali mesmo, assim como no MATADOURO (de gado) se mata o gado, de igual modo justamente era a gente assassinada." — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Abá retá...* o.c. p. 228. A tradução do texto guarani é de Batista Caetano.

de rezar; *ñemboé haguépe*, lugar onde se rezou; *ñemboé habanguépe*, lugar onde se havia de ter rezado; *ndokarüi okarü habanguépe*, não comeu onde havia de ter comido.

Segundo Restivo, *habanguépe* também pode significar: *em lugar de, quando havia de*. Assim: *aguïyebeté chébe nde YABANGUÉPE che acacá* — em lugar de me dar as graças (quando havias de me dar as graças), me censuras *Nde ñemboé ñôte HABANGUÉPE, ereñemboçarái eicóbo* — em lugar de rezar, estás brincando (104).

Hápe, embora frequentemente restrinja o sentido de *háb.a a lugar*, algumas vezes, traduz o sentido da preposição *por*. P. ex.: *che rasý hápe* (105), traduz-se: por estar doente.

Outras vezes — *hápe* — tem sentido equivalente ao gerúndio, como evidencia a frase seguinte: *che rekó potábo* ou *che rekó potá hápe*, pelo meu querer, ou querendo eu (106).

Pode também significar *com*, exprimindo, conseqüente, idéia de modo. P. ex.: *kuriteĩ hápe*, com presteza; *kyreyngatú hápe*, com brio e diligência; *óu yepi oquĩreýngatú hápe Tupã ñee rendúbo* — vinha sempre com a maior diligência a ouvir a palavra de Deus (107).

Pospondo-se a *hápe* a partícula *ymã*, a oração terá sentido temporal, ou então indicar-se-á o estado em que está a cousa ou pessoa (108). *Che karú hápe ymã*, já chegou minha hora de comer; *ybá uhápe ymã*, já está a fruta em tempo de se comer; *omendá hápe ymã*, já está em tempo de se casar.

(104) — Restivo (Paulo) — O.c. p. 105.

(105) — Idem — O.c. p. 103.

(106) — Idem — O.c. p. 103.

(107) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Abá retá*... O.c. p. 120.

(108) — C. f. Restivo (Paulo) — O.c. p. 104 e Montoya (Antonio Ruiz de) — *Arte*... o.c. p. 33.

Pospondo-se *ymā* a *hába* (e não a *hápe*) a oração terá também sentido equivalente ao gerúndio. *Ñemboé hába ymā* (ou *habymā*) — já é tempo de rezar; *herú habymā* — já é tempo de trazê-lo.

Haguépe, além de significar lugar onde, conforme foi demonstrado, traduz igualmente a idéia expressa pela conjunção *porque*. *Hechá haguépe aikuaá* — sei, porque o vi (109).

Háb.a sendo posposta a um verbo ou a um nome, forma os chamados *nomes verbais*. De *marangatú* (bom) temos *marangatuhába* (bondade); *karú* (comer), *karuhába* (a comida; ação de comer); *maenduá* (lembrar), *maenduhába* (lembrança).

Para formar de verbos ativos nomes verbais, apõe-se a partícula *póro*. Assim:

ayhú, amar — *poroyhuhába*, amor; *mbotekokuaá*, ensinar — *porombotekokuaahába*, instrução (ação de ensinar) (110).

Caso os verbos ativos tenham o paciente expresso, ou estejam precedidos de índices de relação determinativa de posse, dispensa-se *póro*. *Che hayhuhába*, o amor que lhe tenho; *Tupā ñandé guayhuhába oipotá*, Deus quer que nós lhe tenhamos amor; *che rayhuhába*, o amor que me tem.

Com a posposição a *háb.a* dos sufixos *kué* (*kuér* ou *kuéra*), *guā* (*guām* = *guáma*) e *rangué* (*ranguér* = *ranguéra*), obtêm-se diferentes modalidades temporais.

Da justaposição de *háb.a* e *kuér* resultou a partícula *haguér*, em vista da apócope do *b* e, ao que parece, do abrandamento do *k* em *g*. Esta permuta é freqüente no tupi-guarani quando uma palavra iniciada por *k* é precedida de vocábulo nasal. Não há mo-

(109) — Restivo (Paulo) — O.c. p. 103.

(110) — Idem — O.c. pp. 100/101.

(111) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Arte...* o.c. p. 96.

tivo, pelo menos aparente, no caso da justaposição *háb.a + kuér*, para que se processe o abrandamento do *k* em *g*, pois *háb.a* não é vocábulo nasal. Pensamos ser possível explicar esta ocorrência, como outras que se apresentam no tupi-guarani (p. ex. *poro + pukú = porombukú*), admitindo a existência, em estado absoluto, da forma *gué* (*guér = guéra*) ou *ngué* (*nguér ou nguéra*). Aliás, é da própria indole da língua a ocorrência da pronúncia *m* ou *mb* para vocábulos iniciados por *p*, quando em estado absoluto. Em Montoya (111), p. ex. lê-se: "Los que se siguen comenzados por *P*. si se pronuncian absolutamente sin que les precede algo, la mudan em *mb*. ó en *m*. solamente.

pába , acabamiento	mbába
peû , matéria	mbeû
pi , pellejo	mbi ,
	etc.

Anchieta (112) corrobora esta assertiva quando escreve : "*P. m. mb.* muitas vezes se usão hũa por outra; desta maneira, q̃ as dições in principio tomadas absolute se pronunçião com *m*. vel *mb.* vt *Mó* vel *mbó*, manus". Se assim succede com os verbos começados por *p*, o mesmo se pode admitir com os vocábulos que se iniciam por *k*.

Haguér indica modo, intento, fim, tempo, lugar onde, etc. se realizou a ação expressa pelo verbo. *Cóne Santo Ignacio guaçu retã boñã ipĩ HAGUÉ. Cóbae Tabayguá recó oyeabiquĩ yebi co quatiã pipene aypó ramo áng tamombeú Paý ambuaé yoguerahá HAGUÉRA* (113).

Hagué, na primeira frase dêste trecho, indica o modo que foi, como foi (a primeira fundação de Santo Inácio), enquanto *haguéra*

(112) — Anchieta (José de) — O.c. p. 2/2v.

(113) — Montoya (Antonio Ruiz de) — *Abã retã*... o.c. p. 94.

traduz a idéia: *que se passou com, o que sucedeu com* (referindo-se aos padres da Compa. de Jesus).

Haguā (*haguām* = *haguâma*), composto de *háb.a* + *guā* (*guām* = *guâma*), indica o *tempo, lugar, modo*, etc. como ha-de ser. Sempre traduzindo uma ação que se ha-de-realizar, pois *guā* é sufixo de tempo futuro correspondente a *rā*. *Abatí ñôte oguerecó mirĩ bíté 20 ára ambuaé tabeỹ rupi ocarú HAGUAMA* — sòmente um pouco de milho tinham contudo *para comer* (*ocarú haguâma*), durante outros vinte dias pelo sertão (114). *Oropagĩ ÿmãnu che piã títĩyucú, haé che irũ rehebé oroñeçú oroñemoé Tupã upé oré manõ HAGUĀ rehé oroñemoçaenãbo* (115). *Oré manõ haguā* poderá ser traduzido: *para a nossa morte* ou *afim de morreremos*.

Habanguéra, indicando um tempo futuro-pretérito, dará idéia de ação que tivera ou houvera de ter sido feita e não o foi. *Omendá racó Carajĩ* (sic) *amó, haé ocabaũ rupi yñemoçãĩ hinamo Cabayu áramo guapichá retá irũ namo, ou çapĩá guaçũ ñũ águi oyucá HABANGUERAGUI oñeguahebo* (116).

AS VARIANTES DE HABA

As variantes que a particula *háb.a* apresenta (excluindo-se as que resultam da simples permuta do *h* por *s*, e do *b* por *v* ou *u*) decorrem, para alguns autores, da subordinação da aspirada *h* aos sons que a precedem. Cremos que os que assim pensam não têm muita razão, pois na realidade o *h* não se subordina ao som que o

(114) — Idem O.c. p. 98.

(115) — Idem — O.c. p. 102.

(116) — "Casou-se um cristão, e pelo terceiro estando ele a espairer a cavallo, junto com seus companheiros, veio de repente um veado do campo safando-se da morte que lhe iam dar (que lhe queriam dar ou que lhe foram dar — *oyucá habanguéragai oñeguahebo*) "Montoya (Antonio Ruiz de) — *Abá retá...* o.c. p. 113.

precede, transformando-se em *nd*, *ng*, *k*, etc. O que ocorre é uma elisão daquele fonema.

O emprêgo de tal ou qual variante de *háb.a* (quando decorre da justaposição de verbo + *háb.a*) parece que está na dependência da formação do gerúndio. Assim é que, ao ser justaposta a verbos que fazem o gerúndio em *bo*, *háb.a* não sofre alteração mórfica, como nos atestam os exemplos seguintes:

mboé	>	mboébo	>	mbochába
juká	>	jukábo	>	jukahába
jeruré	>	jerurébo	>	jerurehába
mondó	>	mondóbo	>	mondohába
peá	>	peábo	>	peahába
popór	>	popóbo	>	popohába
kér	>	kébo	>	kehába

Na toponímia são numerosos os nomes em que *háb.a* se apresenta sob forma integral. Nota-se sòmente incoerência ortográfica, o que é natural, tratando-se de nomes tupi-guaranis vernaculizados. Temos, p. ex.: *Barequessaba* ou *Baraquessaba* (117); *Boiguiçaba* ou *Boiquiçaba* (118); *Itaguaçaba* ou *Itaguassava* (119); *Japuguaçuqueçaba* (120); *Urubuqueçava* ou *Urubuquessaba* (121); *Cekisaua* (122).

(117) — Praia e morro em S. Sebastião (São Paulo).

(118) — Antiga aldeia de índios da província da Bahia, próxima ao rio Jequitinhonha.

(119) — Cachoeira no rio Tiete (São Paulo).

(120) — Também denominada Ilha de Sta. Ana. C.f. *Vocabulário na língua brasileira*, o.c. p. 261.

(121) — Pequena ilha, hoje conhecida por José Menino, entre os municípios de Santos e São Vicente (São Paulo).

(122) — Nome que ocorre no Amazonas. Teodoro Sampaio (*O Tupi na Geografia Nacional*, 3.^a edição, Bahia, 1928) não precisa se este nome é de uma localidade ou de outro acidente geográfico qualquer. C.f. p. 187 da o.c.

A variante seguinte — *ába* — resulta da aférese do *h*. A aférese, neste caso, parece não obedecer a uma regra fixa. Possivelmente trata-se de eufonia. Tanto isso parece ser verossímil que Anchieta, após citar alguns verbos que recebem *háb.a* (*çába* em sua grafia), afirma: “Estes podem perder elegantier o ç vt. *Abiçára, Abiára, Abiçába, Abiába*” (123). Figueira (124) cita como exceção da primeira regra (verbos que formam nomes verbais acrescentando *háb.a*) alguns verbos acabados em *e, i, o, u* que recebem *ába*: *moingeába, mongiába, mondoába, momburuába, an-gagoába, guába*. Este mesmo autor (125), coerente com Anchieta, mostra que determinados verbos formam nomes verbais com a posição de *háb.a* ou *ába*. Cita, p. ex.: *pysyrô < pysyrôçába* ou *pysyrôába*.

Na toponímia encontramos diversos nomes onde *háb.a* surge desprovida do seu *h* inicial. Temos, p. ex.: *Araçoiába* (*Araas-soiava, Arassoiava*) (126); *Eraçoába* (127), *Itatyrába* (128), *Timboáva* (129).

A variante que certos autores dizem ser *ngába* (aplicável aos verbos que fazem o gerúndio em *mo*, ou a nomes nasais), em consequência da permuta do *h* por *ng*, *preferimos* inclui-la no quadro das variantes em *ába* ou *ba*, pois o *ng* nada mais é do que um alongamento da vogal nasal. *Moña*, p. ex., se alonga em *moñang*, e por paragoge *moñanga*. Com a posposição de *háb.a* resulta *moñangába*. Vê-se, de certo modo, que não houve mudança do *h* em *ng*, por estar precedido de som nasal. Houve eli-

(123) — Anchieta (José de) — O.c. p. 29v.

(124) — Figueira (Luiz) — O.c. p. 113.

(125) — Idem — O.c. p. 114.

(126) — Serra em Sorocaba (São Paulo).

(127 e 128) — Teodoro Sampaio, o.c. pp. 199 e 236, não diz onde se encontram estes nomes, nem a que acidentes geográficos eles denominam.

(129) — Lagoa à margem do ribeirão Ana Costa, no município de Iguape (São Paulo).

são do mesmo, resultando a variante *ába*. Outros exemplos abo-
nam explicitamente estas afirmações:

<i>ñeẽ</i>	<	<i>ñeéng</i>	+	<i>ába</i>	=	<i>ñeengába</i>
<i>pohã</i>	<	<i>poháng</i>	+	<i>ába</i>	=	<i>pohangába</i>
<i>ñã</i>	<	<i>ñáng</i>	+	<i>ába</i>	=	<i>ñangába</i>
<i>meẽ</i>	<	<i>meéng</i>	+	<i>ába</i>	=	<i>meengába</i>

Obedeceram a esta formação os topônimos seguintes: *Morungáva* ou *Murungába* (130); *Porangába* (131); *Pindamonhangaba* (132), *Parangába* (133), *Itacerangába* (134), *Itamirangaba* (135), *Inhangába* (136), *Nheemongába* (137), *Anhangabau* (138).

Ao ser justaposta a verbos que fazem o gerúndio em *pa* e *ka*, *háb.a* sofre elisão da sílaba inicial, de maneira que a partícula se apresenta sob a forma *ba*. Consideram alguns que *háb.a* se apresenta transformada em *pába* e *kába*, em vista da permuta do *h* por *p* e *k*. Fácilmente se percebe, no entanto, que *pa* e *ka* são as características do gerúndio e não transformação da sílaba inicial de *háb.a*. Anchieta, tratando do assunto, não deixa margem para dúvidas, quando escreve: “Os acabados em consoante formão, addito, *ra*, *Ba*, além do gerúndio (o grifo é nosso), vt. *Acepiãc, cepiãca, cepiãcára CEPIACÁBA, açauçúb, çauçúpa, cauçúpãra, CAUÇUPÁBA.*” (139).

(130) — Afluente do Rio Pardo (São Paulo).

(131) — Este topônimo ocorre em diversos Estados do Brasil, denominando cidades, fazendas, povoados, vilas, engenhos, etc. C.f. *Guia Postal (Geográfico) da República dos Estados Unidos do Brasil* — organizado pela Diretoria Geral dos Correios — 2 vls. Rio de Janeiro, 1930/1931.

(132) — Cidade — São Paulo.

(133) — Povoado — Alagoas.

(134, 135, 136, 137) — Teodoro Sampaio, o.c. pp. 230, 232, 348, 275, não diz onde estes nomes se encontram.

(138) — Localidade na Capital de São Paulo.

(139) — Anchieta (José de) — O.c. p. 30. Na edição consultada está, por engano, p. 29.

Os verbos que fazem o gerúndio em *pa* (ressalvadas as exceções) são os que terminam em *b*, tais como *guéb*, *kueráb*, *páb*. As formas de gerúndio serão: *guépa*, *kuerápa* e *pápa* respectivamente, enquanto os nomes verbais assim se apresentam: *güepába*, *küera-pába* e *pápába*. Fazem o gerúndio em *ka* os verbos terminados em *g*. Por exemplo os seguintes:

mondóg	>	mondóka	>	mondokába
pág	>	páka	>	pakába
soróg	>	soróka	>	sorokába
pég	>	péka	>	pekába
sýg	>	sýka	>	sykába

Como está evidente, a justaposição de *hába* deu origem ao fenómeno da diástole.

Na toponímia apresentam variação em *ba* (ou em *pába* e *kába* como querem alguns), entre outros, os seguintes nomes: *Caçapava* (*Caçapaba*, *Cassapava*) (140), *Igarapava* (*Garopava*) (141), *Itabucava* (142), *Jacurupava* (143), *Paranapiacaba* (144), *Piracicaba* (145), *Sorocaba* (146), *Aratipicaba* (*Āretipicaba*) (147).

Ainda como simples variante *ba* (*va*, *ua*) consideraremos as formas que alguns autores dizem ser *mbába*, *ndába* e *tába*, as quais são aplicáveis aos verbos que fazem o gerúndio em *mo* ou *ma* ou ainda *ba*; *a* ou *da* e *ta* respectivamente. Fazem o gerúndio em *mo*, *ma* ou *ba*, entre outros, os seguintes verbos:

tý	=	tým	>	týmo	(= týma ou týmba)
sã	=	sám	>	sáma	(= sámba)
sẽ	=	sém	>	séma	(= sémba).

Os verbais serão respectivamente: *tymbába*, *sambába* e *sembába*. Nota-se que houve o deslocamento do acento tônico e afé-

(140 e 141) — Cidades em São Paulo.

(142 e 143) — Cachoeiras no rio Tietê (São Paulo).

(144) — Serra em São Paulo.

(145 e 146) — Cidades em São Paulo.

(147) — Localidade, na Paraíba, hoje denominada Baía Formosa.

rese da sílaba *ha*, não se justificando a afirmação de que esta última se transformou em *mbába*. *Curusambába* (148) e *Maçambába* (*Massambába*) (149) são topônimos cuja terminação *ba* (ou *mbába*), se apresenta nitidamente.

Fazem o gerúndio em *a* ou *da*, e recebem *ba* para a formação dos nomes verbais, os verbos seguintes:

pĩ	= pín	>	pína	(= pínda)	>	pindába
epeñã	= epeñân	>	epeñána	(= epeñánda)	>	epeñandába
ñã	= ñân	>	ñána	(= ñánda)	>	ñandába

Na toponímia encontra-se: *Avanhandava* (150), *Guatapedava* (151), *Taquandava* (152), *Amandaba* (*Amandava*) (153).

Os verbos que fazem o gerúndio em *ta* (e recebem *ba* para a formação dos nomes verbais) são os que terminam geralmente em ditongo oral, como nos dão testemunhos os seguintes:

kái	>	káita	>	kaitába
bohýi	>	bohýita	>	bohyitába
sapukái	>	sapukáita	>	sapukaitába

Bacaetava (*Bacaitava*, *Bacaetába*) (154) e *Sapucahetába* (155), são topônimos nos quais ocorre a variante em apreço.

Antes de estudarmos os vocábulos *tendába* e *guába* — os quais não podem ser tidos como variantes de *háb.a* mas vocábulos que dela se derivam — vejamos o caso da apócope de *ba*, isto é, a partícula *háb.a* ocorrendo sob as formas *ha* ou *ça*. À respeito

(148) — Lugar e povoado no Pará.

(149) — Praia e restinga no Rio de Janeiro.

(150) — Cachoeira no rio Tietê (São Paulo).

(151) — Bairro na cidade de Itú (São Paulo).

(152) — Ribeirão na ilha de São Sebastião (São Paulo).

(153) — Teodoro Sampaio, o. c. p. 151, não especifica qual o acidente geográfico conhecido por este nome, nem onde o mesmo se encontra.

(154) — Este topônimo nomeia, em São Paulo, uma estação da E. F. Sorocabana (município de Campo Largo de Sorocaba), e um afluente da margem esquerda do rio Sorocaba.

(155) — Morro no município de Itanhaem (São Paulo).

da apócope desta sílaba já tivemos oportunidade de fazer alguns comentários, salientando que no tupi-guarani das regiões paraguaias o fenômeno era e é frequente, enquanto no tupi da costa do Brasil tal não sucedia. Não ocorrendo o fenômeno da apócope de *ba* nesta última região, é natural que também a toponímia tupi-guarani seja um reflexo de tais peculiaridades lingüísticas. São rarísimos os topônimos em cuja constituição *háb.a* está presente apenas com sua sílaba inicial. Em nossas pesquisas encontramos somente três topônimos nos quais *háb.a* se apresenta sob a forma *ha* ou *ça*. Dois na toponímia brasileira e um na toponímia paraguaia. Isto não quer dizer que não existam outros, pois como é natural, não nos foi possível consultar todas as fontes (cartas geográficas, relatórios, etc.) onde há possibilidade de coligirmos topônimos. Os nomes em questão são os seguintes: *Jiquiriçá* (156), *Mombucahá* (157) e *Ipecuarujha* (158).

TENDABA

O vocábulo *tendába*, que em virtude da apócope de *ba* é encontrado nas regiões paraguaias contrato em *tendá*, e sob a forma *tendáua* na Amazônia, designa o *pouso*, o *lugar em que se está*, o *sítio*, o *assento*. A necessidade de se dedicar a tal vocábulo um capítulo especial, reside no fato de que, embora o seu significado seja paralelo ao de *háb.a* o modo pelo qual o mesmo vem registrado nos Vocabulários, não permite que se perceba prontamente uma identidade entre os dois termos. *Tendába* geralmente vem anotado como verbete autonomo, sem outra explicação a não ser a do seu significado.

(156 e 157) — *Jiquiriçá* ocorre na Bahia, enquanto que *Mombucahá* é topônimo que designa uma localidade no Rio de Janeiro — Teodoro Sampaio, o.c. pp. 248 e 268.

(158) — Localidade no Paraguai. Cf. *Mapa de la Republica del Paraguay* (Estado Mayor General — Sección Cartográfica), Asunción, Paraguay, 1939.

No *Dicionário português-brasileiro* (159), p. ex. lê-se: “*Tendába* — sitio, lugar, paragem, porto, posto”. No “*O Caderno da língua* (160), consta: “Lugar — *chendába*”. O *Vocabulário na língua brasileira* (161), registra: “Lugar do que está assentado — *Tendába*”.

Tendába origina-se do verbo *ĩ* (*in*), que significa *estar, estar sentado, assente, pousado*. Sendo verbo irregular, a primeira pessoa do singular do gerúndio, em estado absoluto, é *téna* ou *ténda* (*quiténa*, estando eu a ou para estar eu). Com a posposição de *ba*, forma contrata de *há.b.a* temos *tendába*: lugar, tempo, modo de se estar.

Tendába é um dos vocábulos que, ao entrarem em relação de posse, permutam o *t* por *r* (nas 1as. e 2as. pessoas), *h* e *gu* (3as. pessoas). Assim temos:

che rendába	— o meu pouso
nde rendába	— o teu pouso
hendába	— o pouso d'ele
quendába	— o seu pouso (reciproco)

Do *Tesoro* de Montoya (162) coligimos os seguintes exemplos, onde *tendába* aparece com os significados apontados: *Tendá che guapĩ haguêra* — lugar onde me sentei; *ndipóri tendá chébe*, não há lugar para mim; *Tupã rendábeté*, trono de Deus.

Potirendába (163) e *Itarendáua* (164) são topônimos que atestam a ocorrência de *tendába* na toponímia brasileira. Na toponímia argentina são numerosos os nomes compostos com *tendá*,

(159) — *Dicionário português-brasileiro* e *brasileiro-português* — O.c. p. 287.

(160) — Arronches (João de, Fr.) — *O Caderno da língua ou Vocabulário português-tupi* — 1739. Notas e comentários (por Plínio Ayrosa) a margem de manuscrito do séc. XVIII — In *Revista do Museu Paulista*, t. XXI, São Paulo, 1937.

(161) — *Vocabulário na língua brasileira* — o.c. p. 280.

(162) — Montoya (Antonio Ruiz de) — O.c. p. 379.

(163) — *Cidade em São Paulo*.

(164) — *Povoação na Amazonas*.

como nos foi permitido concluir, consultando o citado "Mapa de la Republica del Paraguay". Desta carta coligimos os seguintes topônimos: *Jariquarendá, Piquirendá, Tobatirendá, Aguaireirendá, Iriquarendá, Capirendá, Yboyperendá, Taquiperendá, Cumbarurendá, Itaguazurendá, Ybarendá, Ysyoporendá, Cabayu-caaguayrendá, Guira-pembyrendá, Guarendá.*

Na toponímia paraguaia ocorrem também nomes desta natureza, como são testemunhos *Piquirendá* e *Huirapirendá*, colhidos ainda do referido mapa.

GUABA

Guába origina-se da justaposição da partícula *háb.a* e do verbo irregular *u* (comer). Significa: o lugar *em que, o modo de, como, quando se come*. À idéia de *lugar em que se come* liga-se evidentemente à idéia de *residência, lugar em que se vive, lugar em que se está, lugar em que se reside; o pouso, o sítio*.

São numerosos os topônimos compostos com este vocábulo. Destacamos, na toponímia brasileira, os seguintes: *Araguáva* (*Araguába*) (165), *Araritaguába* (166), *Jaguareguáva* (167), *Tujuquába* (168), *Itaguába* (169), *Iguába* (170).

Com estas breves notas sôbre o vocábulo *guába*, chegamos ao fim de nossas pesquisas em torno da partícula *háb.a* do tupi-guarani. Em função do exposto julgamos poder tirar as seguintes conclusões gerais que, embora sucetíveis de revisões, focalizam alguns dos mais importantes problemas fonéticos do tupi-guarani.

(165) — Ribeirão na Capital de São Paulo.

(166) — Cidade em São Paulo. Hoje denominada Porto Feliz.

(167) — Ribeirão em São Paulo.

(168) — Estação da E.F. Sorocabana, no município de Mogi-Mirim (São Paulo).

(169) — Estação da E.F. Mogiana, no município de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais.

(170) — Povoado no Rio de Janeiro. Há *Iguába Grande* e *Iguába Pequena*.

CONCLUSÕES

Em relação ao h :

- 1.º) — este símbolo representava o fonema aspirado, tanto no guarani das regiões paraguaias como no tupi do litoral brasileiro;
- 2.º) — há uma maior frequência do fonema aspirado no guarani, enquanto que predomina no tupi litorâneo o som representado por *s* [ç (a, o, u), c (e, i, y)];
- 3.º) — em alguns dialetos modernos do tupi-guarani (*guaraio*, p. ex.) há maior frequência do fonema *s*, ao passo que pela sua posição geográfica, deveria haver predomínio do fonema aspirado; igualmente, em grupos tupi-guaranis do Brasil (p. ex. *parintintins*, *guajajaras*), há predomínio do fonema aspirado, quando, tendo-se em vista a posição geográfica dos mesmos, deveria haver predomínio do fonema representado por *s*;
- 4.º) — no nheengatú manteve-se a fonética do tupi da costa do Brasil (predomínio do *s*), enquanto que no abanheenga (guarani moderno) manteve-se o predomínio do fonema aspirado.

Das funções do h :

- 5.º) — o *h* aplica-se à algumas categorias gramaticais, funcionando como índice de relação determinativa de posse e como índice de transitividade. Na partícula *há.b.a*, parece-nos, desempenha a primeira função.

Do b de háb.a :

- 6.º) — o som representado por *b* no tupi-guarani litorâneo e nas regiões paraguaias (séc. XVI e XVII); por *v* no abanheenga (guarani moderno) e por *u* no nheengatú, deveria ter uma pronúncia média entre aquelas duas consoantes e esta última vogal. Seria um som próximo ao do *w* inglês;
- 7.º) — os vocábulos terminados em *b* (e outras consoantes) recebiam geralmente no tupi litorâneo um *a* breve paragógico, enquanto no guarani das regiões paraguaias a mesma se apocopava, como ainda hoje sucede no guarani moderno. Este fenômeno constitui a principal característica de diferenciação entre o nheengatú, o abanheenga e o tupi da costa do Brasil.

Dos significados de háb.a :

- 8.º) — *háb.a* apresenta diversos significados: *lugar*, *modo*, *causa* e *efeito*, *intento*, *fim* etc.. O contexto da oração poderá facilitar a compreensão do sentido exato da partícula. Na toponímia designa o *lugar em que*, *lugar onde*, o *pouso*, o *sítio*.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA (*)

- ABREU (S. Fróes) — Na terra das palmeiras (Estudos brasileiros), Rio de Janeiro, 1931.
- ADAM (Lucien) — Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille tupi — Bibliothèque Linguistique Américaine, Tome XVIII, Paris, 1896.
- ALBUQUERQUE (Miguel Tenório d') — Apontamentos para a gramática avañeẽ — In Revista do Museu Paulista, t. XVI, S. Paulo, 1929.
- ALMEIDA NOGUEIRA (Batista Caetano de) — Apontamentos sôbre o abañeẽga — In Ensaios de Ciência (por diversos amadores). F.I. março, 1876 — Rio de Janeiro, 1876.
- ALMEIDA NOGUEIRA (Batista Caetano de) — Esbôço gramatical do abañeẽ ou língua guarani (chamada também no Brasil língua geral, propriamente abañeẽga) — In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI, Rio de Janeiro, 1879.
- ALMEIDA NOGUEIRA (Batista Caetano de) — Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Padre A. Ruiz de Montoya — In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VII, Rio de Janeiro, 1879.

(*) — Para a coleta de topônimos, servimo-nos de diversas cartas geográficas do Estado de São Paulo, do Brasil e Paraguai, além de diversos relatórios, dos quais destacamos: Coletanea de mapas da cartografia paulista antiga, pelo Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, São Paulo, 1922 — Relatórios da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo (Exploração do litoral; Exploração do Rio Tiete, Exploração do Rio Ribeira de Iguape, etc.) — Divisão territorial dos Estados Unidos do Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1940 — Guia Postal (Geográfico) da Republica dos Estados Unidos do Brasil — Organizado pela Diretoria Geral dos Correios, 2 vols., Rio de Janeiro, 1930/1931 — Mapa de la Republica del Paraguay (Estado Mayor General — Sección Cartográfica), Asunción, Paraguay, 1939 — Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Provincia de São Paulo por Manoel Eufrazio de Azevedo Marques, 2 vols. Rio de Janeiro, 1879. — Dicionário geográfico do Estado de São Paulo, por Gastão Cesar B. Lima — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Conselho Nacional de Geografia, Diretório Regional, Boletim n.º 2, São Paulo, 1943 — Coreografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil, por Manuel Aires de Casal — Série Brasílica, Edições Cultura, São Paulo, 1943.

- ANCHIETA (José de) — **Arte de gramática da lingua mais usada na costa do Brasil** — Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1933.
- ANONIMO — **Vocabulário na língua brasilica** — Manuscrito português-tupi do séc. XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa — Volume XX da Coleção Departamento de Cultura — São Paulo, 1938.
- ANÔNIMO — **Dicionário português-brasiliano e brasileiro português** — Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2.ª parte, até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa.
- ARAUJO (Antonio de) — **Catecismo Brasilico da Doutrina Cristã** — Publicado de novo por Julio Platzmann — Edição fascimular — Leipzig, 1898.
- ARRONCHES (João de, Fr.) — **O Caderno da língua ou Vocabulário português-tupi**, 1739. Notas e comentários (por Plínio Ayrosa) a margem de um manuscrito do séc. XVIII — In Revista do Museu Paulista, t. XXI, São Paulo, 1937.
- AYROSA (Plínio) — **Dos índices de relação determinativa de posse no tupi-guarani** — In Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, n.º XI (n.º 1 da série "Etnografia brasileira e Língua tupi-guarani) — São Paulo, 1939.
- AYROSA (Plínio) — **Subsídios para o estudo da influência do tupi na fonologia português-a** — In Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, Departamento de Cultura, São Paulo, 1938.
- AYROSA (Plínio) e Alcântara (Ruth) — **Sobre a ocorrência da partícula tyb na toponímia paulista** — In Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia (Realizado na cidade de Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, de 7 a 16 de Setembro de 1940) — Volume V — Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1944.
- BARBOSA RODRIGUES (J.) — **Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua** (Complemento da Poranduba Amazonense) — In Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. XV (1857-1888), 2.º fascículo, Rio de Janeiro, 1892.
- BERTONI (Guillermo Tell) — **Fonología, prosodia y ortografía de la lengua guarani** — Asunción, Paraguay, 1926.
- BERTONI (Guillermo Tell) — **Análisis glotológico de la lengua guarani-tupi** — 1.ª parte — Origen y caracterización tipológica de la lengua. I época: Organización del lenguaje estático — Separata de la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Vol. V, n.º 2, Asunción, Paraguay, 1941.
- BERTONI (Guillermo Tell) — **Diccionario Guayaki — Castellano** — Separata de la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, vol. IV, n.º 5, Asunción, Paraguay, 1939.

- BERTONI (Moisés S.) — *La lengua guarani* (Estructura, fundamentos gramaticales y clasificación) — Apuntes postumos — Separata de la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Tomo V, n.º 1, Asunción, Paraguay, 1940.
- BERTONI (Moisés S.) — *La lengua guarani como documento histórico* (Estructura, fijeza, inalterabilidad. Consecuencias para la etimología) — In *Anales Científicos Paraguayos*, Série II, num. 6, 2.º de *Antropología*, Marzo de 1920 — Puerto Bertoni, Alto Parana, Paraguay.
- BERTONI (Moisés S.) — *Las plantas usuales del Paraguay y países limítrofes* (Caracteres, propiedades y aplicaciones con la nomenclatura guarani, portuguesa, española y latina y la etimología guarani, incluyendo un estudio físico e industrial de las maderas) — Asunción, Paraguay, [1913].
- BIANCHETTI (Juan de) — *Gramática guarani (Ávã ñeê) y principios de filología* — Buenos Aires, 1944.
- Boletín de la Academia Correntina del Idioma Guarani*, tomo I, número 1, junio de 1943 — Buenos Aires, 1943.
- BOTTIGNOLI (Justo) — *Gramática razonada de la lengua guarani* — Instituto de Estudios Superiores. Sección de Filología y Fonética experimental. Publicaciones de la sección: I. Montevideo, 1940.
- COLMAN (Narciso R.) — *Ocara Poty (Flores Silvestres)* — 2.ª edición, corregida y aumentada, 2 tomos, Asunción, Paraguay, 1921.
- COUDREAU (Henri) — *Vocabulaires méthodiques des langues ouayana, aparái, oyampí, émérillon* — Précédés d'une introduction par Lucien Adam — Paris, 1892.
- COUTO DE MAGALHÃES (José Vieira) — *Curso da língua geral segundo Ollendorf* (comprendiendo o texto original de lendas tupis) — In *O Selvagem*, Rio de Janeiro, 1876.
- DRUMOND (Carlos) — *Notas gerais sobre a ocorrência da partícula tyb, do tupi-guarani, na toponímia brasileira* — In *Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, n.º XLVI (n.º 5 da série "Etnografia e Língua tupi-guarani"), São Paulo, 1944.
- FERNANDES (Adauto de Alencar) — *Gramática tupi* — 1.ª edição, Fortaleza, Ceará, 1924.
- FIGUEIRA (Luiz) — *Arte de gramática da língua brasilica* — Nova edição — Dada à luz e anotada por Emilio Allain — Rio de Janeiro, 1880.
- GUASCH (Antonio) — *El Idioma Guarani* — Gramática, Vocabulario, Lecturas — Asunción — Paraguay, 1944.
- HARTT (Ch. Fred.) — *Notas sobre a língua geral ou tupi moderno do Amazonas* — In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1929, volume LI — Rio de Janeiro, 1938.

- LEITE (Serafim) — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomo II, Lisboa, 1938.
- LERIO (Ioanne) — *Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitur* — Secunda editio, Genevae, MDXCIV.
- MANSUR GUÉRIOS (Rosário Farâni) — *Novos rumos da tupinologia* — Separata do tomo 1.º, n.º 2 da Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes" — Curitiba, 1935.
- MARTINEZ (T. Alfredo) — *Orígenes y leys del lenguaje aplicadas al idioma guarani* — Buenos Aires, 1916.
- MAYANS (Antonio Ortiz) — *Diccionario castellano — guarani* — Asunción, Paraguay, 1935.
- MIRANDA (Vicente Chermont de) — *Estudos sôbre o nhêngatú* — In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Volume LXIV, 1942 — Rio de Janeiro, 1944.
- MONTOYA (Antonio Ruiz de) — *Catecismo de la lengua guarani* — Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann — Leipzig, 1876.
- MONTOYA (Antonio Ruiz de) — *Arte de la lengua guarani* — Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann — Leipzig, 1876.
- MONTOYA (Antonio Ruiz de) — *Aba reta y caray eỹ baecuê Tupã upẽ ynemboaguíye uca haque* — Pay de la Comp.^a de IHS poromboeramo ara cae P. Antonio Ruiz Icaray eỹ baẽ mongetaipí hare oiquatia Caray ñeẽ rupi *¶*ma cara mbohe hae Pay ambuae ogueroba aba ñeẽ rupi Año de 1733 pipe S. Nicolas Pe. Ad. Majorem Dei Gloriam — Versão da "Conquista Espiritual" do Pe. Antonio Ruiz de Montoya, escrita em 1639, feita por um outro padre da Companhia de Jesus. Este texto em guarani, posto em vernáculo por Batista Caetano, faz parte integrante do trabalho: *Manuscrito Guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sôbre a primitiva catequese dos índios das missões Composto em castelhano pelo P. Antonio Ruiz Montoya, vertido para guarani por outro padre jesuita e agora publicado com a tradução portuguesa, notas, e um esboço gramatical do Abãneẽ pelo Dr. Batista Caetano de Almeida Nogueira.* — In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. VI, Rio de Janeiro, 1879.
- MONTOYA (Antonio Ruiz de) — *Tesoro de la lengua guarani*. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann — Leipzig, 1876.
- NIMUENDAJU' (Curt) — *Os índios parintintin do rio Madeira* — In *Journal de la Societé des Américanistes* — Nouvelle série, t. XVI, Paris, 1924.
- RECALDE (Juan Francisco) — *El guarani de los guarayos de Bolivia* — In *Revista del Ateneo Paraguayo* — Letras, Artes, Ciencias, Año 1, num. 1. Noviembre — Diciembre de 1940 — Asunción, Paraguay, 1940.

- RECALDE (Juan Francisco) — *Nuevo método de ortografía guarani* — São Paulo, 1924.
- RESTIVO (Pe. Paulo) — *Linguae guarani grammatica hispanice a Reverendo Patre Jesuita Paulo Restivo secundum libros Antonii Ruiz de Montoya, Simonis Bandini aliorumque adjecto Particularum lexico anno MDCCXXIV in Civitate Sanctae Mariae Majoris edita et Arte de la lingua guarani* — Stuttgartiae, MDCCCXCII — Trata-se da reedição da Arte publicada por Restivo em 1724, precedida de novo frontispício.
- RICE (Frederick John Duval) — *O idioma tembé (tupi-guarani)* — In *Journal de la Société des Américanistes* — Nouvelle série, t. XXVI, Paris, 1934.
- ROBERTS (F. J.) e SYMES (S. P.) — *Vocabulary of the Guajajara dialect* — In *Journal de la Société des Américanistes* — Nouvelle série, t. XXVIII, Paris, 1924.
- RODRIGUES (Arion Dall'igna) — *Fonética histórica tupi-guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani* — In *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. IV, Dezembro, 1944 — Abril, 1945 — Curitiba, 1945.
- SAMPAIO (Teodoro) — *O Tupi na Geografia Nacional*, 3.^a edição, Bahia, 1928.
- STEINEN (Karl von den) — *Entre os aborígenes do Brasil Central* — Tradução de Egon Schaden — Separata renumerada da "Revista do Arquivo", nos. XXXIV a LVIII — Departamento de Cultura, São Paulo, 1940.
- STRADELLI (Ermano) — *Vocabulários da língua geral português — nheengatú e nheengatú-português, precedidos de um esboço de gramática nheengatú — sãua mirí e seguidos de contos em língua geral, nheengatú poranduua* — In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 104, vol. 158 (2.^o de 1928). Rio de Janeiro, 1929.
- STRUBE E. (Leon) — *Técnica Etimológica y Etimología Andina* — Separata da "Revista de la Universidad Nacional de Córdoba — Año XXX — nos. 5-6 — 1943", Córdoba, Rep. Argentina, 1943.
- SYMPSON (Pedro Luiz) — *Gramática da língua brasileira (Brasilica, Tupi ou nheengatú)* — Terceira edição, Rio de Janeiro, 1926.
- TASTEVIN (Constantino) — *Gramática da língua tupi* — In *Revista do Museu Paulista*, tomo XIII, São Paulo, 1923.

Í N D I C E

Apresentação	9
O <i>h</i> de <i>háb.a</i>	11
O <i>b</i> de <i>háb.a</i>	27
O <i>a</i> breve paragógico	33
Os significados de <i>háb.a</i>	37
As variantes de <i>háb.a</i>	46
Conclusões	55
Bibliografía	57

BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA DE ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI - GUARANI

- N.º 1 — Dos índices de relação determinativa de posse no tupi-guarani — Plínio Ayrosa — 1939.
- N.º 2 — Poemas brasilicos do Pe. Cristóvão Valente, S. J. (Notas e tradução) — Plínio Ayrosa — 1941.
- N.º 3 — Contribuição para o estudo do Teatro Tupi de Anchieta — Diálogo e Trilogia (Segundo manuscritos originaes do Séc. XVI) — M. de L. de Paula Martins — 1941.
- N.º 4 — Apontamentos para a Bibliografia da Língua tupi-guarani — Plínio Ayrosa — 1943.
- N.º 5 — Designativos de parentesco no tupi-guarani e Notas sobre a ocorrência da partícula **tyb**, do tupi-guarani, na toponímia brasileira — Carlos Drumond — 1944.
- N.º 6 — Poesias tupis (século XV) — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- N.º 7 — Nota sobre relações verificadas entre o Dicionário Brasiliano e o Vocabulário na Língua Brasilica — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- N.º 8 — Considerações sobre alguns pontos mais importantes da moral religiosa e sistema de jurisprudência dos pretos do continente da África ocidental portuguesa além do equador, tendentes a dar alguma idéia do caráter peculiar das suas instituições primitivas. Memória por António Gil (Lisboa 1854) — **Reedição** precedida de uma introdução de J. Philipson — 1945.
- N.º 9 — Nota sobre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani — J. Philipson — 1946.
- N.º 10 — Notas sobre os trocanos — Carlos Drumond — 1946.
- N.º 11 — "O parentesco tupi-guarani" — J. Philipson — 1946.

Impresso na
Industria Gráfica José Magalhães Ltda.
Rua Quirino de Andrades, 59/67
São Paulo

